



Revista da Academia Guarulhense de Letras

NÚMERO 18

ANO 2016

ISSN: 2237-4892

Copyright © 2016 Academia Guarulhense de Letras

Projeto Gráfico
Vanessa Rodrigues de Macedo
Preparação de Originais
André Figueiredo Rodrigues
Composição e Diagramação
Vanessa Rodrigues de Macedo
Concepção de capa
Fabio Vicente
Arte da capa
Maria Helena Gonçalves Rodrigues
Leitura Crítica
Os autores
Revisão
Sergio Eduardo Port
Fotos e Ilustrações
Os autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista da Academia Guarulhense de Letras. – n. 18 (nov. 2016). – . –
Guarulhos: Academia Guarulhense de Letras, 1978 –

Anual

ISSN: 2237-4892

1. Contos brasileiros – coletâneas 1. Poesias brasileiras – coletâneas

CDD 869.9308

869.9108

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

Endereço para correspondência:

Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 98 – Centro

Guarulhos – SP – CEP: 07115-020

Foi feito o depósito legal
Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*
Dezembro 2016

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

Diretoria (Gestão 2016-2018)

Presidente – José Augusto Rodrigues Pinheiro

Vice-Presidente – Jacques Miranda de Oliveira

Secretário Geral – Mauro dos Santos Oliveira

1º Secretário – Teresinha Silva Maltez de Souza

2º Secretário – Silvio Ribeiro

Tesoureiro Geral – Antonia Conceição Vaz Duarte

1º Tesoureiro – José Roberto Jerônimo

2º Tesoureiro – André Figueiredo Rodrigues

Conselho Fiscal – Armando Attilio Colacioppo Sobrinho (Presidente), Gil Campos de Farias e Isabel Borazanian Macedo de Oliveira

Suplentes: Ary Baddini Tavares, Lineu Roque Aceiro e João Bosco da Silva

Grupo de Trabalho: AGL 40 anos (2018) - Clovis Domingues

Relações Institucionais – Armando Attilio Colacioppo Sobrinho

Assessoria de Comunicação – Jacques Miranda de Oliveira

Assessoria de Eventos – Janethe de Sousa Fontes

AGL vai às Escolas – Alfredo Ibrahim Khouri

Orador Oficial – Lineu Roque Aceiro

Revista da AGL 2016

Comissão Editorial – André Figueiredo Rodrigues (Presidente), Elmi El Hage Omar, Mauro dos Santos Oliveira e Sergio Eduardo Port

EXPLICAÇÃO DA CAPA

O trabalho foi elaborado, em parte, pelo designer Fabio Vicente, em 1999 e atualizado com a logomarca da Academia Guarulhense de Letras. Como registra o acadêmico Bismael Batista de Moraes, as duas retas se cruzando, uma vertical e outra horizontal, identificam a localização do município de Guarulhos, na confluência de duas estradas federais, a Rodovia Fernão Dias, com destino a Minas Gerais, e a Presidente Dutra, com destino ao Rio de Janeiro, por onde passa grande parte da riqueza nacional.



ACEITA-SE PERMUTA

Exchange is accepted

Si piede permuta

On demande l'échange

Man bitter um austausch

Si prega l'intercambio

SUMÁRIO

▪ Apresentação	7
----------------------	---

PARTE I **Artigos**

▪ André Figueiredo Rodrigues	11
▪ Antonia Conceição Vaz Duarte	17
▪ Aura Gold	33
▪ Bismael Batista de Moraes	43
▪ Estanislau Henrique da Cunha	51
▪ Gil Campos de Faria	57
▪ Isabel Borazanian	71
▪ Jane Rossi	77
▪ José Augusto Pinheiro	81
▪ Lineu Roque Aceiro	95
▪ Mauro dos Santos Oliveira	99
▪ Plínio Tomaz	105
▪ Sérgio Eduardo Port	119
▪ Sílvia Ribeiro	123
▪ Teresinha Silva Maltez de Souza	131

PARTE II

Elogio Fúnebre

- Nelson Natalino 139
José Roberto Jerônimo

PARTE III

Complementação do Livro Histórico

- Complementação da história da Academia Guarulhense de Letras:
de agosto de 2015 a julho de 2016 145
Mauro dos Santos Oliveira e Teresinha Silva Maltez de Souza

APRESENTAÇÃO

Zygmunt Bauman (1925), sociólogo polonês e um influente pensador contemporâneo, em uma de suas obras de maior sucesso, desenvolveu uma tese que denominou o momento em que a humanidade está passando de “mundo líquido”. Ele, em suma, pretende de certa forma justificar as produções, as relações, os contatos pouco duradouros: líquidos.

Faz sentido. O mundo está cada vez mais virtual. As relações humanas, os textos, as imagens, enfim, as coisas orbitam em função da internet, o que torna cada vez mais forte a cultura do descarte rápido.

É de se ressaltar que uma edição com uma coletânea de textos e multiplicidade de temas mereça atenção especial, principalmente pela manutenção da tradição – um divisor de águas.

Esse é o caso desta edição de maioria – décima oitava – da Revista da festejada Academia Guarulhense de Letras, que traz em seu bojo artigos de seus acadêmicos.

Como será possível verificar em uma detida leitura, os textos inseridos são de grande profundidade e, portanto, um convite para uma agradável leitura.

Uma obra como esta é uma resistência a este mundo estudado por Bauman e que só pode materializar-se com a leitura.

Ou seja, você, leitor, é o principal responsável em tornar sólido este nosso mundo.

Leia. É real!

Jacques Miranda de Oliveira,

53 anos, é autor de 6 livros.

Ocupa a cadeira de número 12 da Academia Guarulhense de Letras e atua como professor universitário, mentor e *coach*.

PARTE I

Artigos



ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES

Manifestações religiosas de Tiradentes antes de sua morte

Justiça que a Rainha Nossa Senhora manda fazer a este infame réu Joaquim José da Silva Xavier, pelo horroroso crime de rebelião e alta traição de que se constitui chefe e cabeça, na Capitania de Minas Gerais, com a mais escandalosa temeridade contra a real soberania, e suprema autoridade da nossa Senhora que Deus guarde. Mande que, com barço e pregão, seja levado pelas ruas públicas desta cidade ao lugar da forca, e nela morra morte natural para sempre, e que separada a cabeça do corpo seja levada a Vila Rica, onde será conservada em poste alto junto ao lugar da sua habitação, até que o tempo a consuma; que a casa da sua habitação seja arrasada e salgada, e no meio de suas ruínas levantado um padrão em que se conserve para a posteridade a memória de tão abominável réu e delito, e ficando infame para seus filhos e netos, lhe sejam confiscados seus bens para a Coroa e Câmara Real. Rio de Janeiro, 21 de abril de 1792.¹

¹ AUTOS de Devassa da Inconfidência Mineira. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados; Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Governo do Estado de Minas Gerais, 1982. v. 7, p. 282.

A sentença condenatória imposta ao alferes Joaquim José da Silva Xavier, apelidado de Tiradentes, por participar da Inconfidência Mineira, iniciou-se na manhã ensolarada de um sábado, o 21 de abril de 1792. A cidade do Rio de Janeiro acordou com o badalar dos sinos das igrejas, com os toques das cornetas dos militares e com o desfilar das tropas reais pelas suas ruas. Todos se encaminharam para o campo de São Domingos para assistir ao espetáculo: a execução de Tiradentes na forca.

Saindo do cárcere, caminhando em direção ao local de seu flagelo, passou entre filas de soldados, sendo seguido por muitas pessoas curiosas e por aquelas que sentiam a sua dor. Um dos frades que o acompanhou ao cadafalso, frei José Carlos de Jesus Maria do Desterro, relatou a austeridade do alferes diante da morte anunciada, que recebera com “ânimo sereno”, mostrando-se “dócil e fervoroso”. No caminho até o patíbulo, Tiradentes marchou sem tirar os olhos de um crucifixo que carregava nas mãos. Deixou de olhá-los apenas duas vezes, quando elevou os olhos ao céu.

Chegando ao local da execução, subiu aproximadamente vinte degraus. Lá em cima, à sua espera, estava o carrasco Capitania que, seguindo a praxe, pediu-lhe perdão pela morte que iria auxiliar. Perdão este que começou com uma conversar na cela da prisão no momento em que foi colocar as cordas em seu pescoço e lhe entregar a alva (a roupa). Ao despir-se para receber a veste talar branca, Tiradentes pronunciou as seguintes palavras: “Nosso Senhor morreu nu por meus pecados...”

O algoz cumpriu a sua função, lançando ao cadafalso o corpo do alferes. A seguir, se dependurou nos ombros de

Joaquim José, agilizando sua morte. A encenação terminou com a retirada do cadáver da forca e o seu esquartejamento. As suas partes foram salgadas e colocadas em uma carroça que partiu em direção aos pontos geográficos descritos na sentença condenatória para receber os despojos: Cebolas, Borda do Campo, Varginha e Carijós. A sua cabeça, já podre, foi colocada no mais alto poste da praça central de Vila Rica, atual Ouro Preto, em Minas Gerais.²

As principais referências sobre a religiosidade de Tiradentes dizem respeito, exatamente, a esses últimos instantes de vida. Sabemos que Tiradentes era um religioso convicto. Os seus atos quando se dirigia ao patíbulo demonstram a religiosidade que possuía ao erguer o crucifixo que carregava ao alto. Sobre esse episódio, frei Maria do Desterro, assim o apresentou: “Quando se tratava com ele de oferecer a morte como sacrifício a Deus, apressava-se e era necessário detê-lo; quando se lhe dizia que aquele era o tempo precioso e os bons instantes necessários para amar a Deus, detinha-se e nisto se empregava”³

A maior descrição de sua religiosidade apareceu nas discussões a respeito da Trindade. Esse mesmo frei assim a demonstrou: “Confessando o mistério inefável da Trindade, transportava-se; e aproximando-se da forca, pediu que só dele lhe falasse.”⁴ Outro frade que o acompanhou, frei Raimundo Penaforte, também descreveu a questão indicada acima da seguinte maneira:

2 Memória do êxito que teve a Conjuração de Minas e dos fatos relativos a ela acontecidos nesta cidade do Rio de Janeiro desde 17 até 26 de abril de 1792. In: Idem, 1977. v. 9, p. 95-118.

3 Ibidem, p. 108.

4 Ibidem, p. 108.

Causava admiração a constância do réu e, muito mais, a viva devoção que tinha aos grandes mistérios da Trindade e da Encarnação, de sorte que, falando-lhe nestes mistérios, se lhe divisavam as faces abrasadas e as expressões eram cheias de unção – o que fez com que seu diretor não lhe dissesse nada mais senão repetir com ele o símbolo de Santo Atanásio.⁵

A sua religiosidade deve-se muito à formação familiar. Tiradentes tinha dois irmãos padres, Domingos da Silva Xavier⁶ e Antônio da Silva e Santos.⁷ Tinha vários primos padres, entre eles, frei José Mariano da Conceição Velloso⁸ e Antônio Rodrigues Dantas.⁹

-
- 5 Últimos momentos dos inconfidentes de 1789, pelo frade que os assistiu em confissão. In: *Ibidem*, p. 173-174.
- 6 O padre Domingos da Silva Xavier foi ordenado sacerdote em 19 de março de 1765. A partir de então, passou a exercer a função de capelão na igreja de Santa Rita (São João del-Rei). Em 1772, no dia 10 de julho foi promovido a vigário da vara de Cuieté, Santo Antônio, Correntes, Peçanha, Suassui Grande e Pequeno e Guanhães. Devido a desavenças, fugiu para Cuiabá, residindo naquela vila com nome falso. Em 1790 foi preso por dívidas e enviado para Lisboa, não retornando mais ao Brasil. Nessa ocasião, revelou a sua verdadeira identidade.
- 7 Vigário da freguesia do Espírito Santo da Varginha. Após a morte de Tiradentes, abandonou a profissão de capelão que exercia no povoado de Ressaca (atual distrito de Ferreiras, no município de São Gonçalo do Sapucaí) para dedicar-se à agricultura.
- 8 Este frei foi um grande botânico, classificando mais de 2.000 plantas em oito anos de pesquisas realizadas em todo o vale do Paraíba do Sul, auxiliado pelos confrades Francisco Solano (desenhista) e Anastácio da Santa Inês (secretário). No final da pesquisa apresentou a obra *Flora fluminense*, em 11 volumes. Conferir: CARRATO, José Ferreira. *Igreja, Iluminismo e escolas mineiras coloniais*: notas sobre a cultura da decadência mineira setecentista. São Paulo: Nacional; Edusp, 1968, p. 186; JARDIM, Márcio. *A Inconfidência Mineira*: uma síntese factual. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1989, p. 63.
- 9 O padre Dantas foi reitor do Seminário de Mariana em 1768, lecionando ali as disciplinas de latim e retórica. Autor da obra *Sintaxe latina*, que teve grande

O único plano totalmente atribuído a Tiradentes foi a criação da bandeira. Ela deveria conter um tríplice triângulo, significando a Santíssima Trindade.¹⁰ No sequestro de seus bens, realizado pela devassa da Inconfidência, em punição aos presos, não consta nenhum objeto religioso, como santos ou quadros de papas ou religiosos, como se encontrou entre os pertences de outros presos inconfidentes. Para Tiradentes, a religião não era exteriorista. Entre ele e o criador, não havia intermediários. A comunicação era direta. A sua representação devocional é demonstrada através dos atos que transmitia e não através de objetos de culto, como imagens.

Antes de sua morte, Tiradentes penitenciou-se, morrendo com o coração aberto, sem rancor e sem ódio contra aqueles que o traíram. Alegrou-se com a sua condenação em detrimento a dos demais presos. A felicidade está na generosidade e no sacrifício, como proclamado pelos ideais cristãos. Para que a sua penitência fosse completa, estes preceitos deveriam estar harmoniosamente juntos, caso contrário, o seu ato de penitência não estaria completo, ou seja, não alcançaria a graça procurada. Atos como estes são os mais vivos designativos de uma verdadeira fé.

repercussão. Conferir: CARRATO, José Ferreira. op. cit., p. 169; JARDIM, Márcio. op. cit., p. 63.

10 “se falou em umas bandeiras que o Alferes Joaquim José da Silva Xavier tinha ideado para servirem na nova premeditada República, que eram três triângulos enlaçados em comemorações da Santíssima Trindade”. In: AUTOS de Devassa da Inconfidência Mineira. op. cit., 1982. v. 5, p. 122.

André Figueiredo Rodrigues é Graduado, Mestre e Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Acadêmico Efetivo (cadeira nº 40) da Academia Guarulhense de Letras (AGL) e Membro Titular da Comissão de História do Instituto Panamericano de Geografia e História (IPGH), no Brasil. Professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis. Website: www.histoecultura.com.br

ANTONIA VAZ

O domador de cavalos e abelhas

Lá ia Bernardo, com seu laço e coragem na mão, capturar mais um animal selvagem nas florestas próximas à aldeia de Felgueiras.

Bernardo Augusto, nome de nobre, era um aldeão português e deve ter sido mesmo nobre, em sua biografia singular.

Todas as costelas quebradas, coladas firmemente, depois dos acidentes, no trato com os animais selvagens.

Foi companheiro de vida inteira da avó Clara.

No início da juventude, por volta de 1900, Bernardo lutou no exército para defender as colônias portuguesas em África. A descolonização aconteceria bem mais tarde, somente em 1975.

Por pouco, a jovem Clara não ficou por casar. O jovem Bernardo voltou cheio de vida, depois de ver tantas mortes, no continente africano.

Muitos combatentes morriam vítimas das doenças tropicais, sem precisar dar ou receber nenhum tiro. Era só banharem-se num caudaloso rio, sob o sol ardente e queimavam em febre, que geralmente terminava em morte. Na África, águas contaminadas marcavam o fim da existência de milhares de jovens que haviam chegado ali para serem heróis.

O desenvolvimento da quinina, um tratamento efetivo contra a malária, permitiu que a vasta região tropical africana pudesse ser acessível aos europeus.

Os afortunados soldados, como Bernardo Augusto, voltariam vivos ao continente Europeu para viverem vidas civis e, às vezes, contentes.

Esguio e forte, o avô de Maria do Rosário, Helena e Tônia, dentre outros netos, não voltava de mãos abanando quando retornava por meses de viagem como mascate. Trazia na algibeira doces, bonecas de pano, iguarias e frutas das terras por onde passava. Era uma festa para as crianças a chegada do avô Bernardo.

Viajava a cavalo, no lombo do próprio animal que havia domado. Agora se transformava no aliado solitário da longa jornada vindoura.

Levava mercadorias de fabricação própria para vender: azeite, velas, favos, mel e o próprio cavalo que havia domado. Essa, certamente, era a mercadoria mais difícil de negociar e dela se desfazer.

O avô despedia-se do garanhão ou da égua, fitando firmemente o animal nos olhos, como se esse gesto encerrasse o tempo de estarem juntos e que outro ciclo tivesse que recomençar. É a roda da vida; era assim que tinha que ser.

A casa de Bernardo e Clara era de dois andares, no meio do vilarejo próximo à igreja de Santa Eufêmia¹, padroeira da aldeia.

¹ *Eufêmia* (português brasileiro) ou *Eufémia* (português europeu) (em grego: Εὐφημία), dita “Bem aventurada” na Igreja Ortodoxa, é uma Grande Mártir e santa, que morreu por sua fé em Calcedônia no início do século IV d.C. (Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre).

A família de dona Clara vivia especialmente melhor do que a maioria da gente do vilarejo.

O marido hiperativo não cessava a lida; plantava boa parte do que consumia: batata, cereais, frutas e várias leguminosas; cuidava dos olivais, das vinhas e das castanheiras; domava cavalos e abelhas; fabricava azeite no lagar, além do vinho, do mel e das velas.

Conhecia todos os processos da produção e participava dela. Ele era o senhor desse milagre.

Velas serviam para iluminar as casas, para as cerimônias religiosas, cumprir promessas, alumiar os velórios e tudo o que carecia de luz.

As abelhas davam-lhe muita alegria e trabalho, embora fosse um habilidoso apicultor. Bernardo não dispunha da tecnologia moderna para colher os favos; a alternativa era a criatividade.

A máscara improvisada na máquina de costura de dona Clara protegia o rosto do primitivo apicultor. Trabalhar com abelhas era uma aventura e risco constantes naquela época.

O aldeão sabia da importância dos insetos para a agricultura. As abelhas são responsáveis por 80% da polinização. Sem elas, dizia Bernardo, não temos maçã, nem melão. Ficava preocupado com o uso de inseticida, pois diminuía a proliferação dos insetos, causando danos para a lavoura.

– O mel, a própolis e a cera são produtos nobres de origem animal. – continuava Bernardo, na defesa das abelhas:

Animais tão pequeninos e de tão grande valor! Algumas têm ferrão, outras não.

Os espinhos estão para as rosas, assim como os ferrões para as abelhas; são defesas que a natureza lhes deu para que sobrevivam. É uma idiossincrasia necessária do ser.

– Os cavalos dão patadas, não é?

As crianças, com a natural curiosidade, ficavam encantadas com as histórias reais do avô herói. Ficavam lá, à escuta, sem arredar pé, até que algum adulto estraga-prazeres as mandasse dormir.

Os cavalos eram sua condução; deles recebia grande ajuda, tanto no trabalho, como uma enorme valia na distribuição da produção, como também para engalanar as festas religiosas.

Destarte, já ancião, Bernardo arava a terra com o macho de hábito, quando se aproximou dele um amigo de muitas vindimas e interpelou:

– Oh, homem, que tanto labutas? Mal acabastes de colher as uvas e fazer o vinho, já estás aí, a plantar oliveiras? Sabes bem que só darão azeitonas daqui a dez anos.

– Deixa lá, Domingos, outros haverão de colher, como ocorreu com os olivais do meu avô. Uma geração deve deixar um bom legado para a outra. A planta leva muitos anos para se desenvolver, porém é muito forte. Há oliveiras que têm mais de dois mil anos; são testemunhas do nascimento de Cristo.

Bernardo Augusto continuou plantando com determinação e esperança, até que a última mudinha estivesse fincada na cova. Regou todo o campo, arrebanhou as ferramentas, despediu-se de Domingos, subiu no cavalo e partiu junto com o pôr do sol, de volta para casa.

Enquanto o final da primavera ainda não cobria tudo de neve, apeava pelos caminhos, recolhia cogumelos silvestres de tons e formas diferentes, de encher os olhos e a cesta, e os levava para o jantar. Eram fontes de proteína e muito saborosos.

As rosas, deixava-as lá. Dizia que duravam mais no pé e enfeitavam a caminhada.

Cantava aos domingos na igreja de Santa Eufêmia e ajudava o padre na missa, antes de cada viagem para mascatear suas mercadorias. Pedia à santa proteção e bons negócios. Era um homem pleno de si. Enquanto durava a labuta, sobreviviam esperanças.

Bernardo amava a vida, estava sempre em ação. Prover bem o seu grupo familiar era preocupação constante. À época, era isso que se esperava de um bom chefe de família.

O domador de cavalos e abelhas considerava que a vida é a arte das escolhas, a arte dos encontros e arte das artes.

As diferentes escolhas que fazemos determinam os resultados que alcançamos ao longo da vida.

Domar os animais com arte pode ser bom para os dois: domado e domador.

Avó Clara chamava-o normalmente com doçura, pelo seu nome forte: “Bernardo”. Porém, quando passava da conta, chamava-o enfatizando todas as sílabas do seu nome composto:

- Ber-nar-do Au-gus-to! Estás borracho!
- Outro osso quebrado!
- Esse meu homem ainda vai dar cabo à vida!
- Estas são horas, homem!
- Ora, os animais são a sua paixão!

– Venha logo, vou pôr o jantar.

As boas e longas conversas aconteciam à mesa cheia de pão, de chouriço, de carnes secas ao fumeiro, de vinho, de azeitona, de queijo, de sardinha, de frutas e de muito mais. Os relatos das aventuras de viagem entreteciam e encantavam todos. Falava do rio Douro², do seu leito e desníveis; das populações e das cidades que margeavam o extenso rio, que nascia em Espanha e desaguava no Oceano Atlântico, na cidade do Porto, no norte de Portugal.

As crianças ouviam esses fatos reais como se fossem lindos contos de fadas. Seu filho, Antonio, foi tão influenciado pelos relatos fantásticos do patriarca Bernardo, que repetiu a história do pai na vida real. Atravessou o rio Douro e, com alguns ciganos, comercializou tanto do lado espanhol, quanto do lado português. Recomeçava o ciclo do comércio com o único herdeiro varão; era a década de 1990.

Os três filhos de Antonio eram surdos desde nascença. Isso o entristecia e permeava todo o seu cantar. Essa era uma ocorrência única da família, portanto o fator hereditário era descartado pelos médicos.

Os dois meninos foram enviados para estudar em Lisboa, num educandário profissionalizante, especializado para atender os surdos-mudos. Tornaram-se autônomos e excelentes em suas profissões: estilista e designer.

2 O rio Douro (em espanhol: *Duero*) é um rio que nasce em Espanha na província de Sória, nos picos da Serra de Urbión, GPS (42.007121, -2.879944), (*Sierra de Urbión*), a 2.080 metros de altitude e atravessa o norte de Portugal. A foz do Douro é junto às cidades do Porto e Vila Nova de Gaia. Tem 897 km de comprimento e é o terceiro rio mais extenso da península Ibérica. A UNESCO incluiu, em 14 de dezembro de 2001, a Região Vinhateira do Alto Douro (45°68' N, 5°93' W) na lista dos locais que são Património da Humanidade, na categoria de paisagem cultural. (Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre).

Antonio, cantante, guitarrista, grande contador de casos, fascinava a todos com um grande poder de sedução, que magnetizava os ouvintes da genuína música popular à erudita.

Homem alto, lindo, era o encantador das moças das aldeias e de todas as regiões com as quais mantinha comércio. Era o princípio embrionário da globalização: movimentação de pessoas, informações e mercadorias pelo mundo todo.

Maria do Rosário, a terceira filha, ficou na aldeia, fazendo companhia para a mãe Maria. Aprendeu tudo sobre prendas domésticas com louvor; era uma dama. Sabia de etiqueta, dominava sobremaneira a arte da cozinha, da costura, do especializado artesanato local: bordado, tricô, crochê e suas variáveis.

Reclamava constantemente da educação diferenciada de gênero. Achava injusto os irmãos partirem para a capital e apenas ela ficar na aldeia. Mulher feita, ainda acalantava sonhos de igualdade e liberdade.

O sedutor Antonio, filho do Sr. Bernardo, havia deixado muitos amores pela vida. Um muito especial foi o da jovem apaixonada Cândida.

Avó Clara jamais aceitou o romance dos dois amantes: não queria uma nora deveras humilde e além do mais, maneta.

Cândida era de baixa estatura, mal alcançava o ombro do seu amado, mas atingia o seu coração, numa fração de segundos. Era obstinada em seus objetivos amorosos; era a Dom Casmurro da aldeia.

Sociedade arcaica, tradicionalmente católica, patriarcal por séculos passados e muitos vindouros. Pior para quem usava saias.

Cândida não combinava com essa descrição. Engravidou do seu amor, Antonio. A paixão cegou a moça, que teria por bom destino entregar-se apenas ao marido, que teria a obrigação de protegê-la e acompanhá-la em todos os tempos e lugares da vida. Cândida frustrou as expectativas morais familiares e de uma aldeia inteira!

Teve seu rebento sozinha, no banheiro. Quase ninguém viu o natimorto; era um fruto pecaminoso. Naquele tempo, a repressão sexual feminina era enorme e até dentro do casamento o sexo era recatado.

Pode-se imaginar o sofrimento solitário da jovem Cândida, a noiva renegada pela família de Antonio, secretamente banida da aldeia da freguesia de Bragança. O novo país foi um exílio involuntário; era um jeito de viver longe da censura cruel da população moralmente impiedosa. O Brasil foi seu destino, palco de seu recomeço.

Com os pés nos trópicos, a cabeça na Aldeia, o coração em Antonio, ia vivendo um dia depois do outro.

Quantos diálogos contundentes a jovem desafortunada Cândida sofreu com a Senhora Clara, a mãe de Antônio:

– Não foi contigo, uma portadora de aleijão que sonhei para noiva do meu filho. És uma pessoa disforme, disparatas com a beleza de Antonio.

– Senhora, eu o quero como nunca houve quem quisesse mais alguém neste mundo.

– Olha para ti, não o mereces! Ele pode ter a moça mais bonita e perfeita de todas estas terras. Não desgraças a vida

de quem tem tanto a gozar nela. Saia da minha frente com o teu desvalimento e não o apoquentes mais com teu desatinado amor. Rezarei por teus males e que Deus tenha piedade de ti e da tua imoralidade.

Pobre moça! Enclausurou-se no seu amor, movia-se com as poucas energias que lhe sobraram. Comprou uma passagem e foi para o Brasil, lugar onde já moravam alguns parentes, e ali ficou por casar, até que Deus a levou cedo, por volta dos 50 anos.

Como a bondade, o preconceito e duros valores enraizados podem habitar a mesma pessoa? Por que Clara, um poço de candura, poderia ser pontualmente tão insensível?

Dizem as más línguas que, antes de sair da Terra, Cândida deixou a terrível maldição para seu amor impossível:

– Aquilo a que você mais amar, é justamente o que mais lhe fará sofrer. Padecerás até a morte desse castigo de dor e remorso e nada poderás fazer para tua salvação.

Realmente a praga da moça rejeitada pegou. Três filhos surdos-mudos nasceriam da união civil e religiosa de Maria e Antonio.

Nenhum filho jamais pôde ouvir a voz que embalava a aldeia, que encantava homens e mulheres. Viviam no silêncio sepulcral.

Cada canção de Antonio era o gotejar da lembrança amorosa, um lamento do amor proibido, do amor carne, do amor sonho, que doravante ardia, embora já brasa não fosse.

Para refletir: um dos maiores desafios humanos é transformar indivíduos em pessoas, e pessoas boas.

Alex e as tartarugas

O menino ainda não tinha apagado as velinhas do seu terceiro aniversário e seus amigos já estavam na maturidade: Chronos e Kairós.³ Impressionante, como os três amigos se entendiam!

A tartaruga Chronos tinha 30 anos contados; Kairós, de idade incerta, veio procurando um novo lar. Chegou no momento oportuno, quando Chronos, muito triste, estava entrando em depressão.

O réptil sentia-se muito só; Alex estava iniciando a sua escolaridade.

O menino permanecia muito tempo no colégio e a tartaruga ficava horas se rastejando no belo gramado em volta da piscina, a esmo.

A família de Kairós pensava em se mudar para um apartamento. Menos trabalho doméstico, maior sensação de segurança. Mais um animal seria demais!

Discutiu-se, discutiu-se, mas, por enquanto, tudo continuava igual...

3 Os gregos antigos tinham duas palavras para o tempo: *chronos* e *kairós*. Enquanto o primeiro refere-se ao tempo cronológico (ou sequencial) que pode ser medido, esse último significa “o momento certo” ou “oportuno”: um momento indeterminado no tempo em que algo especial acontece. Em teologia descreve a forma qualitativa do tempo (o “tempo de Deus”), enquanto *chronos* é de natureza quantitativa (o “tempo dos homens”). (Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre).

O caráter das duas tartarugas era bem diferente, porém, isso nunca seria impedimento para uma grande amizade.

A casa era ampla, o quintal enorme, o coração também e a nova hóspede foi ficando, para contentamento do menino, que adorava animais.

O escudo das duas tartarugas era muito parecido, lindo e bem desenhado. A semelhança parava por aqui; era só física.

Chronos era metódica, tinha sempre o mesmo ritual para fazer as coisas. Gulosa, comia sem parar. Precisava de mais atenção; sua rotina era para lá de controlada.

Kairós, de caráter expansivo, mordida delicadamente o pequeno dono para expressar afeto.

Gostava de brincar de esconde-esconde na varanda, na grama, no tapete, onde fosse... Ela gostava de rastejar, de preferência onde houvesse gente.

A tímida Chronos deixava-se ficar horas a fio sob o motor da piscina. Talvez atraída pelo barulho ritmado ou pelo conforto do calor. Depois saía, como que à procura de algo.

Chronos e Kairós foram se entendendo, passeando juntas e compartilhando quase todos os momentos.

Às vezes ia cada uma para um lado.

Convém ter um pouco de privacidade, ter um tempo só para si.

Nunca houve uma preocupação para saber o sexo dos répteis, isso não importava. Importante era a afeição compartilhada.

Constantemente Alex precisava desenterrar Chronos da sua carapaça e estimular o bicho à atividade.

Bem diferente da ágil Kairós, uma hiperativa de berço, melhor, de ovo. Tartarugas são ovíparas.

A vivacidade de Kairós era evidente. Claro, era uma agilidade expressiva para uma tartaruga, seres de natureza vagarosa.

O importante é que lentamente ela chegava lá, pois, sabia aonde queria chegar, e chegava no momento certo, oportuno.

Embora Alex gostasse das duas tartarugas, a identificação com a esperta Kairós saltava aos olhos.

Chronos fazia uma coisa por vez, sem alterar a sequência. Caso contrário era uma bagunça, atrapalhava-se toda. Ou comia, ou comia, senão: oh, oh, oh... Engasgava!

Quando Kairós desaparecia era um alvoroço.

Procuravam a sapeca tartaruga por todos os lados. Às vezes era achada nos lugares mais inusitados. Até do fundo da piscina foi resgatada pelo menino Alex e saía andando como se nada tivesse acontecido.

Outra vez, a silenciosa Chronos foi trancada na sala de jantar. Passou a noite deslizando sobre o fofo tapete bege e defecou sobre todo o caminho percorrido.

Não houve jeito, senão entregar o tapete para Zenildo que estava caiando o muro da casa, e dar um destino para o tapete sujo.

A família de Alex gostava de acampar em Cabreúva, nos fins de semanas, férias e feriados.

– Vamos, crianças, há muito que fazer; acampar é bom, mas dá trabalho. Aliás, tudo o que é bom dá trabalho. Mãos à obra!

– Alex, já ligou para o Thales? Você o convidou, lembra-se?

– Não esquentar, mãe, tá tudo certo!

Kairós gostava de passear pelo gramado, num platô que dava acesso à piscina e era facilmente superado.

Vencia-se o desnível do terreno, subindo-se dois patamares com seis degraus em cada um.

De quando em vez, uma das redondinhas capotava, e aí? Esperneava até que alguém viesse desvirá-la.

Um imenso tapete de grama esmeralda, bem tratada, verdejava boa parte do exterior da residência.

As tartarugas variavam o seu cardápio. Na grama, achavam alimento farto: caramujo, aranhas, lesmas, borboletas, ovos de passarinho, minhocas e sabe-se lá o que mais...

Chronos e Kairós gostavam de caçar seu próprio alimento. É muito mais valioso e recompensador. Sentiam-se bem melhor, mercedores do verdadeiro sustento. Porém, não era o suficiente.

Os zelosos donos traziam sempre a refeição do dia: alface, banana, tomate, cenoura e até carne. Afinal, quem tem bicho deve cuidar bem deles, muito bem.

A tartaruga e o piche

Num desses finais de semana com feriado prolongado, Alex, mais seu inseparável amigo Thales, foi com a família toda para o trailer, no Camping Cabreúva.

Como era de costume, só retornaram no domingo à noite, cheios de cansaço, tralha para guardar e a alma satisfeita.

Difícil era engatar a semana: aula logo pela manhã, trabalho e muito que lembrar e organizar. Mas tudo vale a pena, se a alma não é pequena, dizia o poeta.

De repente, quando as luzes do quintal se acenderam, iluminou-se a tartaruga Kairós, melhor dizendo a cabeça e o pescoço, pois o resto afundara no piche, havia horas ou dias. Esse impermeabilizante serviria para calafetar o telhado.

Não se soube ao certo quanto tempo o pobre animal ficou mergulhado no betume, que certamente havia derretido e solidificado, acompanhando o calor dos dias e o resfriar das noites.

Em meio ao desespero de todos, começou a operação tartaruga.

– Pega o removedor, gritou a mãe.

– Tragam uma faca de serra, berrava o pai.

Percebiam-se lágrimas a escorrer dos olhinhos da imobilizada criatura.

O pequeno Alex, a mãe e a irmã, chorando, saíram de cena.

A angústia da tartaruga invadiu a todos, que se apressavam em tirá-la da agonia.

O irmão mais velho auxiliou o pai no improvisado e eficiente socorro.

Piche duro, pele mole, faca de serra, removedor e, alguns longos minutos depois, Kairós estava livre da prisão em que ela mesma havia se colocado.

O banho de mangueira aliviaria muito o calor e o excesso de removedor.

O piche, esse colado ao corpo de Kairós, levou meses fazendo um rastro escuro e pegajoso pela varanda ou por onde a tartaruga se arrastasse.

A tartaruga que não sabia voar

Alex adorava o desenho da tartaruga Touché. Sua imaginação fértil ia além, muito além do desenho animado.

Um dia estava brincando no quintal, dramatizando e dando vida a tudo o que precisasse entrar na história.

Faltava uma personagem para completar o elenco de sua última peça, quando por sorte, passou em marcha lenta e sincronizada o réptil ator.

O menino criativo e afoito alçou a tartaruga e, ordenando, gritou:

– Vua tartaruga... Vua tartaruga...

Pluft... O pobre animal caiu do alto da mureta que separava a piscina, do jardim em frente da sala.

O obstáculo não passava de dois metros, porém sentem-se bem longos, quando se está em queda livre.

Chronos não berrou porque não sabia, mas correu o que pode. A carapaça raspou suas patas traseiras e deve ter doído o suficiente para aquietar-se por um bom tempo, sem achar graça em teatro algum.

O menino, de bons sentimentos, embora imprevisível, assustou-se com o resultado de sua ação. Não era bem esse o desfecho esperado. Tratou de consolar a frágil amiga.

Mas, como será consolar uma tartaruga?



AURA GOLD

Poemas escolhidos

Quando o sentimento do amor se encontra com a alma da poesia existente em cada ser humano, nascem as palavras que expressam os mais profundos propósitos da vivência.

Assim, todos estão convidados a participar desses sentimentos que um dia, num momento qualquer de inspiração, escrevemos e, cujo objetivo será sempre o compartilhamento com o outro, com o poeta existente em cada um.

O poeta escreve para si mesmo, para o ser amado, desvendando sua alma com sofreguidão ao leitor porque esse é o propósito. O leitor entende, pois ele é o protagonista dessa ação. Nasce então a cadeia de reciprocidade entre essas pessoas, um encontro de almas que buscam nos sonhos, a realização de seus desejos mais íntimos e pessoais.

Quantas vezes, sozinho, no campo, na sala, no quarto, bate no peito o desejo insólito de expressar, em palavras, os sentimentos que brotam como uma gigantesca queda d'água, avolumando-se repentinamente para em seguida cair tranquilamente num regato de águas mansas. Isso é a catarse, o êxtase da palavra. Isso é a poesia. Isso é o "Eu sou o que eu sou".

Reencontro

Quem é aquele que ao longe vejo,
Calmamente saboreando a beleza do entardecer?
Olhos bondosos espalhando-se na paisagem
Como quem espera o último alento do seu ser.

Já não possui mais a inquietude no coração outonal
Por isso sabe que o esperado encontro chegará
Sua alma pressente o que está para acontecer
E um sorriso suave brota em sua boca semiaberta

Viveu tempos, pessoas e situações em seu caminhar
Sofreu, sorriu, caiu, levantou, plantou, colheu
Agora era somente uma pequena questão de esperar
Por aquela que sempre fora o complemento seu

Não tinha pressa, pois aprendera o benefício da hora
E como ninguém o fizera até aquele dia
Simplesmente sentara no banco e olhara à sua frente
Sentindo de repente outro olhar que o acaricia

Eu me encaminho mais segura e confiante ao seu encontro
E ele naturalmente abre os braços para me acolher
Acontece então dessas duas almas antigas o reencontro
Ainda nessa esfera onde o tempo não tem mais valor

Olhos nos olhos, alma na alma, mãos entrelaçadas
Um carinho, um grande amor que volta de muito longe
Nada precisam mais falar embora nunca antes o fizessem
Entendem-se sem palavras uma união de almas gêmeas

Quantas vezes choraram separados pelo tempo
Quantos sonhos tiveram não realizados
Quantos anos dispensaram a outros seres
Quanta vontade de um dia se encontrarem

Não importa agora tudo o que já passaram
O tempo do amor corre célere em seus corações maduros
Viverão todas as vidas num momento único
Com a certeza que esse amor é imortal

Duas mulheres

Encontram-se para falar do mesmo homem
Sentam-se à mesa, bebem e comem
Enquanto se olhando enfrentam a batalha
Que já começa a se delinear na fala

A primeira argumenta e o defende
A outra não concorda e o condena
E nesse vai e vem de pensamentos
Expressam palavras soltas ao vento

O homem é um ser especial
Cujo ardor da juventude ainda impele
A cometer ações imperdoáveis
Que o fazem sofrer e pagar pelos seus erros

As duas mulheres afinal entendem
Que não adianta mais argumentarem
Pois as diferenças de opinião persistem
Embora ambas sofram pelo mesmo ser

A mais velha sabe o que acontecerá
O tempo a ensinou a esperar
A mais jovem arroja-se na aventura
Que a fará colher os frutos da amargura

Uma já viveu a experiência
De perder as chances da existência
De procurar novo rumo em sua vida
De viver uma ilusão perdida

Outra ainda poderá vencer a luta
Jogar o jogo da vida sendo astuta
O bastante para se sentir feliz
Deixar de ser eterna aprendiz

Aquela nunca abandonou o barco
Navegando contra ondas tão bravias
A outra está deixando o companheiro
A primeira o ampara, é seu filho.

A lágrima

Dos cansados olhos rola uma lágrima fortuita
Solitária e mansa deixando na face uma marca
Relembanças de um passado que sonhara bom
De um amor que se pensara eterno a dois, a sete

Insistira tanto no aconchego amigo, na mão entrelaçada
Forçara às vezes o carinho, o companheirismo, o sonho

Não quisera desistir daquilo que plantara pela vida afora
Mas destroçado estava o que construía, e agora?

Quantas vezes perdera o trem da esperança na gare
A névoa do tempo obscurecera a plataforma
E o perfume da aurora boreal se perdera na ilusão
Difícil seria de novo reencontrar a estação, os passageiros

E a lágrima inda insistira em permanecer num canto
Como a espera do desencadear das outras, do pranto
E aí chega o novo, o inesperado tão esperado
E enxuga com um beijo a face da mulher madura

E tudo recomeça com um brilho intenso, fluídico
Porque a vida é cíclica e sempre tudo se encontra
E trocam confidências mil, afetos, conversas sãs
Num só alento, numa só alma, num só encanto, num só amor.

Vem

Vem amor te espero desde sempre
Vem sentir a carícia do meu olhar
Vem brincar, sorrir, dançar, amar
Vem comigo uma vez mais encontrar
O caminho que um dia perdemos
E ao qual precisamos urgente voltar

Tudo já vivemos, tudo já sofremos,
Tudo já aprendemos, tudo fizemos
E agora é a hora e a vez do amor

Do reencontro de nossas almas
Pra matar essa imensa saudade
Que invade nossos corações

Lembra-te do tempo que nos vimos?
Lembra-te dos momentos vividos?
Lembra-te das juras que trocamos?
Lembra-te daquela outra vida antiga?

Muito tempo se passou desde então
Mas algo dentro de nós continuou
Imortal, persistente, uma sensação
De que chegaria a vez e hora do amor

Vem amor, te espero ainda, vem
Vem na certeza de que continuaremos
Pra todo e sempre nos querendo muito
Vem, vamos, logo, apressa-te, te espero
Hoje, agora, nesse minuto, um fiat, uma luz
Não te percas mais por aí, te espero, vem, vem...

Espera

Que lugar é esse onde espero encontrá-lo?
Busca incessante por aquele que sempre foi,
Olhos que procuram por aí o sonho de uma vida
Cuja demora traz angústia e tristeza ao coração.

Essas almas se conhecem só aguardam o reencontro
Para seus destinos novamente entrelaçarem

E não haverá mais solidão nem sofrimento
Pois enfim seus caminhos outra vez se cruzarão

Viverão o amor e a paixão de tempos idos
Sonharão juntos, as mesmas promessas e delícias
Trarão para o presente o que lá atrás ficou no tempo
E serão felizes de novo para todo o sempre, sempre...

Glória

Suave melodia ao anoitecer
Paz infinita em meu coração
Que faz o inédito acontecer
O amor surgir de supetão

Risco de apenas ser paixão
Enfrento porém esse dilema
Tudo enfim tem uma razão
Nem sempre é o que aparenta

Na falta de algo contundente
O possível se faz presente
Preenchendo o vácuo d'alma
Que nem sempre pretende calma

Uma lacuna assim repete
O movimento que devia aparecer
E o tempo me faz rever
Aquilo que se esconde inerte

Glória ao amor resplandecente
Glória ao tempo de alegria
Glória á noite e ao dia
Glória aos pares permanentes

Liberdade

Chega enfim o novo tempo, o tempo da liberdade
Porque ela sempre se atrasa tanto?
Será por causa das nossas antigas inseguranças
Será pela nossa evolução tardia?
Ou por tanto tempo termos perdido
À procura da essência que em nós estava

Nunca nos damos conta de que precisamos
Buscar em nós mesmos e não nos outros
A resposta para as indagações prementes
A solidão que ajuda a encontrar o equilíbrio interior
E que orienta o nosso eterno caminhar

Quantas vezes cansados da longa jornada
Precisamos encostar os nossos ombros
Para refletir no tempo que passou tão célere
Deixando marcas e também aprendizado
E retomar depressa nosso novo estado

O medo do novo nos impede de muitas coisas fazer
E o novo nada mais é que a verdadeira liberdade
De pensar, de decidir, de projetar e de agir

Vamos logo, rápido, corramos o trem já vai sair...
Não podemos mais perder a condução de nossas vidas

Vamos, quer minha mão, meu ombro, não?
Que bom! Isso significa que não precisa de muletas
Suas pernas estão curadas, corra, vá, o novo espera
Recrie sua vida, recrie seus momentos e os faça felizes
Recrie sempre, o sol está nascendo de novo, de novo, de novo...

Sonhos

Só um poeta ousa sonhar
Dar asas a sua imaginação
Dia após dia irá planejar
Do pensar deve passar à ação

Quando aquilo que tanto quer
Chegar-lhe de repente às mãos
O poeta como um ser qualquer
Deixará aflorar toda a emoção

Numa praia linda e serena
Águas mornas, fontes cristalinas
Muita terra, numa região amena
Construir lá em cima, nas colinas

Uma bela e espaçosa morada
Confortável, segura e agradável
Para abrigar toda a família amada
Reunir ali o seu bem mais estável

No jardim as crianças brincam
Na varanda os pais descansam
 No salão a juventude joga
Na cozinha a boa comida rola

As conversas voam soltas pelo ar
As risadas dão o tom de alegria
As crianças gritam, riem a saltar
As mulheres se reúnem em harmonia

Lá os pássaros hão de fazer ninhos
Os homens brincarão de futebol
À noite todos saem de mansinho
Uns dormem, outros falam, canta o rouxinol

A lua clara ilumina o mar
Que calmo resplandece prateado
Convidando o casal para se amar
 Ou em suas águas se banhar

Esse é um lugar de foco sagrado
Onde o poeta sonhou e realizou
 O seu maior desejo na vida
Que era reunir seu povo amado

BISMAEL B. MORAES

Redução da idade penal no Brasil e Kipling pelo avesso

No momento em que certos políticos e até alguns comunicadores alegam, sem prova, que o povo brasileiro, em mais de 80%, - via de regra, amedrontado pela violência e, de certo modo, anestesiado pela orquestração dos que ganham com a insegurança pública -, se diz favorável à redução da idade penal de 18 para 16 anos, parece oportuno, a bem de ponderada reflexão, parafrasear, pelo avesso, o poeta Kipling, em seu poema *IF* (*Se*, traduzido por Vítor Vaz da Silva).

Robert Rudyard Kipling, escritor e poeta inglês, nascido em Bombaim, na Índia, sob o jugo da Grã-Bretanha, autor de várias obras, ganhador do Nobel de Literatura em 1907, e que faleceu em 1936, em Londres, é comumente lembrado e citado por seu poema *Se...*, do qual reproduzimos, a seguir, apenas breves trechos:

Se consegues manter a calma, quando, à tua volta, todos a perdem e te culpam por isso; se consegues ter confiança em ti, quando todos duvidam de ti e aceitam as suas dúvidas; se consegues suportar a escuta das verdades que dizes distorcidas pelos que te querem

ver cair em armadilhas...; tu serás um Homem, meu filho!.

Destarte, se você é mais um diplomado ignorante, dos que ainda não aprenderam a pensar; se você é um religioso de fachada, que “esqueceu” a fraternidade pregada pelo Cristo; se você é pessoa ética, desde que isso lhe renda votos, cifras ou elogios; se, em lugar de escola, você defende presídios, que rendem contratos alvissareiros na construção e benefícios aos “espertos”; se você acha correta a prisão de jovens negros, pobres, favelados, muitos analfabetos, abandonados pela família e pelo próprio Estado; se você alega ser contra a violência, mas lucra, direta ou indiretamente, com as estatísticas criminais, as manchetes sangrentas, as lágrimas e o medo na população; se esquece que seus filhos, netos, sobrinho e irmãos adolescentes também podem ser vítimas da sua imprecaução e das armadilhas que você criou; se você jamais pensou num programa nacional de segurança pública e prevenção criminal, envolvendo as famílias, as escolas, as empresas e os Três Poderes do Estado – Executivo, Legislativo e Judiciário – por todos os seus órgãos; se você aceita uma polícia apenas para o “combate ao crime” e não bem preparada para evitar as infrações, antes que aconteçam, e oferecer segurança à população; então, você é, de fato, por falta de conhecimento e ponderação, o maior inimigo da coletividade anestesiada e amedrontada, defende a vingança como “justiça” e lhe falta cidadania e bom senso.

Realidades sociais, juristas éticos e holofotes

Se, eventualmente, existe escola de Direito que ministra essa disciplina com deficiência, sem atentar para as realidades sociais de cada povo, não levando em conta razões de colonização, de língua, de história, de religiões, de costumes, de características próprias, nem se aprofunda, por exemplo, no que escreveram grandes juristas éticos, então, parece compreensível que os profissionais da ciência jurídica preocupados, de fato, com o bem da sociedade fiquem reticentes e desconfiados... E não são apenas juristas neófitos que, por falhas da própria universidade (em especial, no estudo do Direito), vão assimilando como “certo” o que, ética e logicamente, está errado. Em regra, a imprensa, também ávida pelos choques entre as categorias – “quem pode o mais, manda mais” -, embora deformando a história e a lei, tem sido pródiga em holofotes para as autoridades vaidosas, que “falam pelos cotovelos”.

Dos grandes juristas brasileiros, destaca-se o mestre Roberto Lyra, que foi membro do Ministério Público, no Rio de Janeiro, e também um dos autores do Código de Processo Penal de 1941. Era preocupado com as pessoas sérias, mas anestesiadas por espertos e interesseiros. Por isso, o seu livro *Como julgar, como defender, como acusar* (Konfino Editor, Rio, 1975, p. 19), que jamais deveria faltar à formação de todo aquele que pretenda trabalhar com o Direito, aqui e agora, se faz oportuno:

A ética profissional e funcional é devida a todos os juristas... Ela não se limitar à disciplina ordinária, ao

escrúpulo comum, à compostura e à cortesia elementares. Antes e acima de tudo, deve imperar a ética humana, social, patriótica, cívica, doméstica. O dever exige o adestramento da ciência, da arte e da técnica jurídica para dedicá-las ao ideal jurídico, ao sentimento jurídico e, principalmente, à conduta jurídica.

Será que o “notório saber jurídico e a reputação ilibada”, bem como diplomas e títulos universitários, apenas, fazem os seus detentores imunes ao corporativismo e ao preconceito científico e social? Imagine-se o que poderá acontecer nas decisões de magistrados originários de determinadas corporações e nomeados, politicamente, por ato do Executivo, com aprovação do Legislativo, mas que nunca prestaram concurso para a magistratura e jamais presidiram a uma audiência ou prolataram uma sentença nos Fóruns ou Varas do Judiciário, e que, eventualmente, não guardem o equilíbrio ético e a imparcialidade necessária, para “dizer o direito” e realizar a justiça! O mestre Magalhães Noronha, que foi procurador de justiça do MP de São Paulo, em seu *Curso de Direito Processual Penal*, citando o jurista italiano Vincenzo Manzini, já advertia que o instituto da *suspeição* tem o condão de “prevenir decisões injustas, senão também de evitar situações embaraçosas para o juiz e manter a confiança do povo na administração da justiça, eliminando causas que poderiam dar lugar a críticas ou a malignidades”.

Visando a maior isenção nos atos de julgar, e no sentido de tornar efetivamente confiáveis todas as manifestações dos agentes do Estado, há pouco tempo, reportagem de grande jornal de São Paulo noticiou que, “por meio de proposta de Emenda à Constituição, a Associação Nacional dos Magis-

trados da Justiça do Trabalho (ANAMATRA) quer acabar com o quinto constitucional, mecanismo que garante 20% das vagas dos tribunais a promotores e advogados que não fazem concurso de ingresso à carreira de magistrado”, isso com base no artigo 94 da Constituição.

Quer-nos parecer, salvo melhor juízo, que a ideia do preenchimento das vagas dos tribunais apenas por magistrados de carreira tem finalidade saneadora, até para maior dignidade e independência do Judiciário, resguardando-se de eventual influência política, e mesmo para evitar que pessoas, embora intelectualmente bem formadas, ao assumirem a magistratura “por cima”, sem concurso democrático de ingresso na base e sem o *calejamento* das comarcas e das varas, eventualmente, possam interpretar a lei de forma corporativa ou politicamente, e não visando à verdadeira justiça, ainda que com a chancela de *decisão judicial* ou *acórdão da corte!*

Por fim, faz-se oportuno repetir o professor Roberto Lyra, na sua obra antes citada, quando trata do magistrado e a sociedade, bem como da responsabilidade e da ética:

Se não vence as paixões, se não renuncia aos interesses econômicos, políticos, mundanos, que não seja juiz. A casa da justiça exige de seu guardião, exatamente, as virtudes do preterido, na vida pública e na vida privada. O juiz deve ser respeitado por ser respeitável, à altura do incomparável poder de julgar, enfrentando os extremismos das fraudes e violências. Como responsável pelo julgamento, precisa de segurança moral e não somente de irredutibilidade de vencimentos e de inamovibilidade. As injustiças e violências da Justiça são as mais cruéis.

Enfim, o magistrado que começa por cima, em razão de escolha política, antes de perder os vícios corporativos e sem uma visão global do alto significado social da isenta realização da Justiça, por certo, tem mais dificuldade para se desvencilhar da chama da vaidade e dos holofotes! A história não o perdoará.

Soneto nº 1

*ao meu amigo Bismael, do seu amigo Dorge, em
1965*

Dorgival Silva Araujo

(poeta paraibano, que pertenceu à Guarda Civil de São Paulo e, com Bismael, também foi CD intérprete de inglês, no Ponto IV da USAID, na antiga Escola de Polícia de São Paulo, na Rua São Joaquim, 560, no bairro da Liberdade, e, depois da extinção da GCSP pelo Decreto-lei 1072/1969, da ditadura do General Médici, foi Oficial PM).

Caro Bismael, feliz de quem
consegue, do mal que alguém lhe faz,
extrair a partícula do bem
que o próprio mal, inconsciente, traz.
Aos que, famintos de bondade, choram
ao redor a sua parte doa,
e àqueles que o perdão lhe imploram,

livre do ódio, seu coração perdoa.

Na arena da vida, o mal desarma
e, usando a caridade como arma,
seu pior inimigo ao seus pés tomba.
Aos bons Deus dá poder, nega a paz,
e os faz compreender que, quanto mais
forte é a luz, mais forte é a sombra!

Bismael B. Moraes, advogado, Mestre em Direito Processual Penal pela USP, é Delegado de Classe Especial, aposentado; foi presidente da Associação dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo; é autor de 20 livros, dentre os quais *Direito e Polícia – Uma Introdução à Polícia Judiciária* (RT/SP/1986) e *Estado e Segurança diante do Direito* (RT/SP/2008)



ESTANISLAU HENRIQUE DA CUNHA

Lípides ou lipídios

Lipídios são substâncias químicas encontradas em todos os seres vivos. São compostos de funções: tanto estrutural quanto de reserva energética podendo assim, serem utilizados como fonte de energia para todas as funções biológicas. Possuem como característica o fato de serem hidrófobos por apresentarem insolubilidade em água; apresentam, contudo solubilidade em solventes orgânicos tais como: clorofórmio, benzeno, éter e álcool a quente.

Sendo o lipídio um alimento gorduroso, necessita sofrer um tratamento prévio a fim de que possa ser digerido para que em seguida possa ser absorvido. Esse tratamento é feito pela ação da bile do fígado. O papel da bile é emulcionar o lipídio ingerido tornando assim possível a ação da lipase, cuja ação catalítica é ativada pelo ácido cólico que transforma em ácidos graxos e glicerol o lipídio contido na alimentação.

No nosso organismo os lipídios encontram-se localizados no interior de células especializadas chamadas adipócitos as quais formam o chamado tecido adiposo situado sob a pele formando o chamado panículo adiposo, principal res-

ponsável pelas formas do corpo. Sua espessura determina o grau de obesidade da pessoa.

O principal lipídio encontrado no panículo adiposo e também responsável pela obesidade é o triglicéride, o qual é formado por uma molécula de glicerol (um triol) esterificado por três moléculas de ácidos graxos. O ácido graxo é constituído por uma longa cadeia carbônica tendo numa das extremidades o grupo carboxílico (COOH). Quanto às ligações carbono-carbono deste, há dois tipos de ácidos graxos: os que apresentam apenas ligações simples e aqueles que apresentam duplas e ou triplas. Os que apresentam ligações simples são chamados saturados mantendo-se sólidos à temperatura ambiente; os que apresentam duplas e ou triplas ligações carbono-carbono são chamados insaturados e se mantêm líquidos à temperatura ambiente. Estes últimos, sem dúvida, são bem mais saudáveis. Como exemplos de ácidos graxos poli-insaturados podemos citar: ácido linoleico, ácido linolênico e ácido aracdônico.

Durante muito tempo pensou-se que o processo de biossíntese dos ácidos graxos no nosso organismo ocorresse através do processo reverso ao da beta oxidação. Entretanto, graças aos trabalhos envolvendo a utilização de carbono radiativo (carbono 14) foi possível se constatar que a via de produção dos mesmos é bem diferente. O processo em si, o qual envolve a participação da biotina, tem início a partir da molécula de acetil coenzima A que, dentre outras vias de biossíntese, pode ser produzida também durante a beta-oxidação. Além do ácido graxo, a via pode apresentar um desvio de rota levando à produção do esqualeno, precursor da formação do colesterol. Dessa forma, para pacientes sub-

metidos a uma dieta para perder peso, há a necessidade de um acompanhamento médico durante toda a dieta, pois durante o processo, pode haver a via que leva a uma elevação dos níveis de biossíntese dos chamados corpos cetônicos, o que traria sérias consequências sem dúvida.

Tanto carboidratos ou glucídios quanto lipídios são considerados grupos de moléculas de alimentos energéticos, isto é, quando o organismo requerer energia para a execução de determinada função, estes alimentos fornecem energia para tal. A diferença é que os primeiros são apenas energéticos e de uso imediato; enquanto que os lipídios além de energéticos são alimentos também de reserva, isto é, podem ser oxidados fornecendo assim grande teor energético no caso de uma queda dos níveis de açúcar.

A beta oxidação ocorre através de um conjunto de reações químicas conhecidas por ESPIRAL DE LINNEN. Durante a realização desse processo vai havendo a liberação de moléculas de NADH_2 , de FADH_2 e moléculas de acetil coenzima A. A fim de conhecermos como ocorre esse processo tomemos como exemplo o ácido palmítico comumente encontrado no nosso organismo e cuja fórmula é química é: $\text{CH}_3(\text{CH}_2)_{14}\text{COOH}$. Esse ácido graxo possui 16 átomos de carbono em sua molécula. A medida que vai se transformando, recebe uma molécula de coenzima A, libera uma molécula de NADH_2 , uma de FADH_2 e uma de acetil coenzima A, quando então temos ao final uma nova molécula de ácido graxo idêntica a molécula inicial se não fosse pelo simples fato de agora estar com dois átomos de carbono a menos. A molécula de NADH_2 leva a formação de três moléculas de ATP (tri fosfato de adenosina) e uma molécula de água a

nível da cadeia respiratória das mitocôndrias enquanto que a de FADH_2 leva a duas de ATP mais uma molécula de água. Em seguida com o “novo” ácido graxo (agora com 14 carbonos) vai ocorrer a mesma coisa formando assim ao final um ácido graxo com 12 átomos de carbono, e assim por diante. Isto significa dizer que para cada volta da espiral formam-se 5 moléculas de ATP, duas moléculas de água e uma de acetil coenzima A. Ao final da oxidação completa da molécula do ácido palmítico temos a formação de 8 moléculas de acetil coenzima A, 35 moléculas de ATP e 14 de água. Em termos energéticos o valor é de 35000 calorias contra os 40.000 provenientes da molécula de glicose. E isso não é tudo, pois a comparação do teor energético foi feita com base em apenas uma molécula de ácido graxo de um triglicéride o qual é formado por três moléculas de ácido graxo cujo número de átomos de carbono gira em torno de 16.

Como podemos ver o teor energético dos lipídios é bem superior ao dos carboidratos, embora a energia destes últimos seja de uso imediato, enquanto que os lípidos ficam estocados.

No tocante ao tema “alimentação saudável” é bom que se frise dois pontos importantes: 1- os carboidratos podem, com certa frequência, ser transformados em lipídios (a recíproca não é verdadeira pelo menos no nosso organismo); 2- nozes, avelãs, amêndoas, castanhas, abacate, avocado e manga, ainda que sendo gordurosos, seus lipídios são constituídos de ácidos graxos poli insaturados os quais são benéficos à saúde. Contudo é também conveniente se frisar que devem ser consumidos com moderação promovendo assim

a queima natural e saudável dos triglicérides acumulados no pâncreas adiposo.

A molécula do aminoácido serina é formada a partir do ácido pirúvico tendo como intermediário o ácido fosfoglicérico também produzido durante o processo de glicólise anaeróbica. Se ligado ao ácido fosfatídico temos então a molécula de fosfatidil-serina, um fosfolipídio. A etanolamina e a colina também formam moléculas de fosfolipídios dentre elas a lecitina a qual tem um papel muito importante na distribuição da gordura no organismo; a betaína, também derivada do processo, não é exatamente um fosfolipídio, mas tem atuação muito importante no metabolismo intermediário.



GIL CAMPOS

Se engana quem diz que a poesia não é revolucionária

Era uma vez uma linda menina – olhos verdes e boca sempre encarnada pelo seu inseparável batom vermelho – que arrancava suspiros de um poeta. Nunca trocaram olhares, é verdade. Mas, bastava ela passar para aquele colecionador de palavras ser atraído feito um imã. Ele sentia profundamente o fato de nunca ter tocado em sua mão, nem dançado com ela quadrilha no São João. Até que o destino o tirou do “habitat natural”, o jogando em outro mundo, distante, bem distante.

Passaram-se os anos, uma década, duas décadas. A menina de batom vermelho se tornou uma revolucionária, virou mulher e se apaixonou pelas letras e pelas poesias e, disso, o poeta, já cansado e carregando nos ombros o peso do tempo, não sabia. Até que o universo literário conspirou para um reencontro. Bastou a troca de algumas palavras para que a força da poesia unisse os dois de forma avassaladora com rimas e métricas, e também sem rimas e sem métricas; sem versos retos, com versos ondulados.

Certo dia, o poeta Federico Garcia Lorca, fuzilado pela guerra civil espanhola, em 1936, escreveu que “Todas as coi-

sas têm o seu mistério, e a poesia é o mistério de todas as coisas”. E é esse mistério que move e comove as pessoas. A poesia é o verdadeiro espelho da alma do poeta; mas não apenas dele, também de quem se dedica ao prazer de lê-la.

No território poético é possível desvendar as agruras do coração, mostrar a dor da saudade, da distância, da separação. Ela pode traduzir as lágrimas da guerra. Também os brados da revolução. A poesia tem o poder de unir o que foi separado há décadas, recuperando tempos perdidos e projetando tempos futuros.

Seria degradante dizermos que ela [a poesia] é o escarro da alma? Não. Não só da alma, mas é o enjoo do corpo físico. Os poetas e os apaixonados por essa arte têm seus estômagos muito mais sensíveis que os pobres mortais e seus estômagos são, todos os dias, revirados pela ausência de sensibilidade, característica comum do homem moderno.

Alguém já escreveu que poesias “são palavras silenciosas que têm um poder terapêutico para quem as lê”; e complemento: principalmente para quem as escreve.

“Há na poesia uma posição que poderíamos chamar de ‘posição da dignidade’. É certa finura no perceber as coisas e no mencioná-las. Estou falando ainda do momento que antecede a feitura do poema, da predisposição interna do artista, do modo como pega a realidade, antes de glorificá-la em palavras. Esse modo de ver - sereno a aparentemente distante dos objetos - quando desligado da sensoriedade dos românticos, já levou muito poeta ao parnasianismo e ao simbolismo”, escreveu o poeta e “imortal” da Academia Brasileira de Letras (ABL), Antonio Olinto (1919-2009).

Aliás, a poesia imortaliza os seres – o autor, a inspiração e o leitor. E assim, a história no início deste texto, protagonizada por Dan, a menina de batom vermelho, e revolucionária, se revela o mais forte de todos os amores que possam existir neste mundo, já que ela está envolvida por palavras rimadas e não rimadas, sensíveis, oriundas da alma, verdadeiras e revolucionárias. Já que está envolvida pela poesia.

DANua – Eterna poesia

Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te
Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te
Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te
Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te
Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te
Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te Amo-te

com todas as forças do Divino que criou o céu, o mar, as
estrelas e a lua... você nua nua

nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua
nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua

nua nua nua nua nua nua nua nua

nua nua nua nua nua nua

nua nua nua nua

nua nua nua

nua nua nua

nua nua

nua,

a imagem perfeita para o poeta que tanto te deseja e sonha em ter
-te dia e

e noite, noite e dia, toda as horas, todos os momentos,
todos os segundos
da minha vida que passou a ter só ida ida ida ida ida
ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida
ida ida

ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida
ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida
ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida ida
ida ida ida ida ida ida ida ida
ida ida ida ida ida
ida ida
ida

para a eterna felicidade que são seus braços, seus abraços,
sua boca, seu corpo... é você
completamente

nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua
nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua
nua nua nua nua nua nua nua nua nua nua
nua nua nua nua nua nua nua
nua nua nua nua nua nua
nua nua nua
nua nua
nua
nua

como na tela do pintor que expressou com sua própria alma,
o amor que hoje me faz viver, respirar e
para sempre te amar amar amar amar amar amar amar amar amar
amar amar amar amar amar amar amar amar amar amar amar amar
amar amar amar amar amar amar amar amar amar amar amar amar
amar amar amar amar amar amar amar amar amar amar

amar amar amar amar amar amar amar amar amar
amar amar amar amar amar amar amar amar amar
amar amar amar amar amar amar amar amar amar
amar amar amar amar amar amar amar amar amar
amar amar amar amar amar amar amar amar amar
amar amar amar amar amar amar amar amar
amar amar amar amar amar amar amar
amar amar amar
amar.

DANte,
DANdara,
DANçar,
DANada
DANúbio
DANone
DANvida
DANpaz
DANnatureza
DANpoesia
DANluz
DANvida
DANsorriso
DANsensível
DANdelícia
DANbranquinha
DANneguinha
DANamor
DANflor
DANpoema
DANtomzé

DANraulzito
DANchicocésar
DANchico
DANcaetano
DANbelchior
DANquarto
DANchãodasala
DANrevolução
DANmarx
DANche
DANmariabonita
DANsertão.
DANmar
DANlua
DANuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanua
nuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanua
nuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanua
nuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanua
nuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanuanua
nuanuanuanuanuanuanuanua
nuanuanuanuanua
nuanua
nua
DANusa,
musa DAN.

A dor escolhida

Existem coisas que não
dá para aguentar.
A dor da saudade é uma delas.
Ela sufoca,
dá um nó na garganta
que o nego geme e nem sente.
Prefiro mesmo é uma dor de dente!

A dor da saudade
tira qualquer um do sério.
Deixa o sujeito doido,
mas tão doido,
que ele é capaz
de beber em um minuto
um litro de aguardente, sem careta e debilmente.
Prefiro mesmo é uma dor de dente!

É difícil suportar
essa dor, pois a saudade quando
pega não se importa com o
sofrimento de quem a sente.
Na verdade, ela faz
com que os dias sejam
noites diariamente,
e castiga o cidadão impiedosamente.
Como eu prefiro uma dor de dente!

A saudade quando se instala
se reproduz assustadoramente

sugando tuas energias e teu juízo.
Se ontem ela era grande,
hoje está bem maior.
Pior, a dita cuja não tem concorrente.
Quem me dera uma dor de dente!

Queria uma dor de dente
pois fácil seria curá-la –
uma medicação ou o solavanco rápido de um boticão
resolveria em um minuto essa indisposição.
Mas vou caminhando
esperando chegar o dia de te encontrar
e assim te agarrar, beijar tua boca, tocar teu coração
e, assim, dar adeus a minha dolorida solidão.

Beijo-te

Beijo-te
para atingir o céu,
as estrelas, a lua.
Beijo-te
para chegar às
profundezas do mar.
Beijo-te
para loucamente te amar.
Beijo-te
para me sentir vivo,
homem, humano.
Beijo-te
para sentir meu corpo

em erupção,
vulcão... tamanha emoção.
Beijo-te
com sabor de Campina,
com sabor de cebola roxa,
branca, amarela.
Com sabor de amora,
de carambola.
Beijo-te
para espiar a aurora
e, depois, voltar a dormir
no teu colo
e receber teu beijo ao acordar.

Saudade matadeira

Que muléstia dos cachorro
acontece nos meu peito?
Na goela sinto um arrocho,
no coração, um espeto.
Acordo com as tripa
pegando fogo,
suando feito pano de cuscuz,
sangrando feito moça menstruada,
e canto solitário a minha entoada.
Meu suplício parece não ter fim,
soluço de joelho para todos os santo,
fico doidim, doiidim,
e busco na tua imagem o acalanto.
Choro pela minha galega

que tanto me traz felicidade,
choro uma dor que parece ser a derradeira,
choro por essa saudade matadeira.

De arrocho em arrocho

Vou te arrochar
te deixar toda marcada,
agarrar os teus cabelos
e delirar durante a noitada.

Vou te arrochar,
vou sugar a tua alma,
saborear o teu mel
e acabar com a invernoada.

Vou te arrochar,
prometo, vou te deixar toda roxa,
viajar no teu universo
e descansar na tua coxa.
Te arrocharei sempre,
seja noite, seja dia
e, só assim serei o homem
que no mundo tem mais alegria.

Viagem

Sou o fósforo
aguardando o rápido sopro.
Sou o côco
sem água,

oco.
De mim
entendo pouco,
mas sei que
caminho para o fim
e, nessa viagem,
pagarei a passagem
e não esperarei
pelo troco.

Liberdade... Sem idade!

Voo, sou ser liberto.
Viva a liberdade!
Mas dá para imaginar o que é
sentir a liberdade
na minha idade?
E quando foi que essa
tal liberdade
invadiu meu mundo
me causando momentos de pura
insanidade?
A história começa
quando fui acorrentado
nos grilhões da castidade.
Vivi demasiadamente,
durante anos,
sentindo o sabor
amargo de uma vida
repleta de mediocridade.

Rompi tais grilhões
mas, ainda assim,
continuava mergulhado
na tristeza e na vulnerabilidade.
Sentia que estava terminando
meu prazo de validade.
Mas, não!!!
Mil vezes não!!!
Reencontrei uma beldade
que, do dia para a noite,
me trouxe a tão sonhada
felicidade.
E com ela, a felicidade,
veio a liberdade.
A liberdade de sonhar,
de escrever,
de erotizar,
de ‘bombar’,
de dançar no meio da sala,
sozinho, entre quatro paredes,
de olhos fechados,
“Céu Negro”.
Isso é liberdade!
E foi essa beldade,
de olhos-oceano,
que me fez navegar
nas águas
no amor, da paixão,
e, claro!, da liberdade.
Dan-livre,

Dan-sem-idade,
Dan-sensualidade,
Dan-poema-erotizado,
Dan-amabilidade,
Dan-flor-de-verdade,
Dan-liberdade.
Então, viva a liberdade!



ISABEL BORAZANIAN

Canto

Um canto cantado
guardado no encanto
No canto os cantos
cantados guardados
guardados no canto
Canto os encantos
os encantos do canto
Fico encantada
e canto os cantos
os cantos guardados
na minha memória
que moram nas veias
dos meus sentimentos

Os olhos

Os olhos da alma enxergam
Os olhos da conveniência cegam

Na soberania dos fatos
nuances, relances
Momentos furtados
sentimentos roubados

Os olhos da alma enxergam
Os olhos da conveniência cegam

Na balança os fatos
instantes, rompantes
corrupção constante

Os olhos da alma enxergam
Os olhos da conveniência cegam

Corrupção, impunidades
resultando na miséria
que assola o país, estados e cidades

Os olhos da alma enxergam
Os olhos da conveniência cegam

Devaneios persistentes
reticentes perambulam
na esfera do pensamento
Existe esperança
pois, nada na vida é eterno
nada na vida é permanente

Velhice

Olhares longos pousados
pousados em longos instantes
nas memórias por ela vivida

Longos luares olhares
que na presença da aurora
se fez vivo na memória
a sua história de vida

Ah! Saberes, querereres...
No véu da sapiência
fez brotar do olhar a inocência
que a sua história reverencia

Olhares longos pousados
Longos luares olhares

Ah! Saberes querereres...
Pousados em longos instantes
a sua história de vida
em longos luares olhares

Memórias em emoção

São tantas as memórias
que a emoção carrega
que a vida nos entrega
como o amor e a ilusão...

São tantas as emoções
que a memória se entrega
e o sentimento alega
a vida, o sentir, o coração...

São tantos os sentidos
que na emoção passeiam
onde os pensamentos se enleiam
em momentos, nos sentimentos e na razão...

São tantos os momentos
vividos pelos sentidos
aglutinando-se na alma
formando um todo
e compondo sabiamente
as memórias da emoção...

Jogo

Direitos esfacelados	Não é ilusão
Império da insensatez	Anseios, receios
Vestígios do medo	Sombras penumbras
agregam segredos	no veio da emoção
que ficaram guardados	que ficaram guardadas
no veio da emoção	agregam segredos
Sombras penumbras	Vestígios do medo
Anseios, receios	Império da insensatez
Não é ilusão	Direitos esfacelados

Memória

No silêncio da história
um lampejo desperta
a memória adormecida
O ontem virou passado
e permanece na lembrança
pois foi memória vivida
Vidas cruzadas no tempo
que encantam a alma da gente
lacunas, vazios, saudades
de um passado recente

A história é a história
E mágica é a memória
Que nos faz reviver o passado
Que quase vira presente

Constatação

As linhas pertencem ao espaço
As entrelinhas pertencem a percepção
A poesia que versa em mim
vive sem começo, meio e fim
Ela pulula constante
No meu ser

Poesia

Luzes, ribaltas acesas
Vestem a minha emoção
Versos, versando a vida
Versos, versinhos, versões...
Chuva de pensamentos
Viagem ao encantamento
Viagem com a imaginação
Memórias dos sentimentos
Viagem do coração

Tempo

O tempo é escasso
A ansiedade permeia
A vida que anseia
O momento certo
E o momento certo
ultrapassa o tempo
de um tempo sem tempo

Encontros e desencontros

Encontros	Sentimentos	Encontros	Momentos
Instantes	Sentidos	Desencontros	Rompantes
Rompantes	Desencontros	Sentidos	Instantes
Momentos	Encontros	Sentimentos	Encontros
Encontros	Momentos	Encontros	Sentimentos
Desencontros	Rompantes	Instantes	Sentidos
Sentidos	Instantes	Rompantes	Desencontros
Sentimentos	Encontros	Momentos	Encontros

JANE ROSSI

Um mundo melhor

Dizem que o mundo é como um barril de pólvora e a qualquer momento pode explodir.

Dizem que as pessoas não se ajudam e que os dias nublados permanecem por aqui.

Queremos um mundo melhor, onde todos possam ter o direito de viver, direito de ser respeitado, direito de ser livre, direito de gritar o seu grito de dor, direito de gritar o seu grito de paz.

Queremos um mundo melhor, um mundo em que todos os homens respeitem todas as mulheres, um mundo em que todas as mulheres respeitem os homens, um mundo em que todos os filhos respeitem seus pais, um mundo em que os pais respeitem suas crianças, que os jovens respeitem seus professores, um mundo em que todos respeitem os idosos, respeitem o pobre e o carente, respeitem as pessoas de qualquer idade, de qualquer sexo, um mundo que inclua o excluído.

Respeitem! Não pelo poder aquisitivo, não pela posição social, mas sim pelo fato de serem humanos.

O mundo não pode ser um barril de pólvora prestes a explodir, o mundo não pode ser formado de uma socieda-

de quebrada, rasgada, despedaçada. E se esta sociedade está quebrada, vamos dar as mãos, unir os cacos, pacificar, tentar fazer um mundo novo de mosaico colorido, com verde esperança, com branco da paz, azul anil de amores mil, amarelo de sol aquecendo os dias, um mundo de cor, amor, paz e poesia.

Navegar é preciso

Meu barco foi navegando
Em mares desconhecidos
Madrugada amedrontando
Os sonhos já esquecidos
Tempestade apresentou-se
Raios e trovões estridentes
Mas o mar aquietou-se
Veio uma paz comovente
E o barco foi navegando
Sobre as ondas rendadas
No céu uma estrela me olhando
Na face uma lágrima rolava.

Arrepia!

Fechei os olhos e adormeci
E o silêncio me fez sonhar
Você chegou bem perto de mim
E seu abraço me fez chorar
Foi um abraço tão apertado

Que eu sentia seu coração
E aquele beijo apaixonado
Foi o início de uma canção
Foi um momento de fantasia
Rosas vermelhas sobre o lençol
Só de pensar o corpo arrepia
Sua presença era calor e sol.

Fé

E num momento de solidão sinto a grandeza que ainda resta
Minha alma voa e o meu coração sente a beleza e a luz da floresta
Nesse momento eu sou gigante ouvindo os pássaros na cantoria
Eu observo o verdejante e a paz chegando com a calmaria
Não tem tristeza nem solidão neste meu mundo de paz e amor
O coração não tem agonia e desconhece a palavra dor
Eu sou gigante e tenho fé com esperança tatuada em mim
Creio que o homem de Nazaré é luz do mundo e paz sem-fim.



JOSÉ AUGUSTO PINHEIRO

Ministério do amor e da paz

Quem faz aquilo de que gosta não precisa de passatempo, mas eu tenho um: lavar a louça em casa. É maravilhoso empregar o mais profundo sentimento de gratidão enquanto se lava o prato e os utensílios utilizados na refeição anterior. É, acima de tudo, um ato espiritual.

Quem me ensinou isto foi uma linda mulher, bem-humorada e encantadora. Ela é a rainha da simpatia, e ainda me abriga em seu generoso coração há décadas. Quando o amor dela por meu pai manifestou-se plenamente pela terceira vez, a jovem de 25 anos passou a abrigar-me em seu ventre.

Nesses anos todos, nos quais eu tenho o privilégio de chamá-la de mãe, Anninha me ensinou tudo o que sei de importante. Lavar a louça, inclusive. Por isso, se algum dia, eu for o presidente da República deste país (o que, estatisticamente, tem uma chance em 200 milhões), eu convidarei Anna Pinheiro para ocupar o Ministério do Amor incondicional e da Paz interior – a sigla será MAP.

No meu primeiro - e, talvez, único - dia de governo, eu promoverei completa reforma ministerial. Das 39 pastas existentes, restarão apenas três: Educação, Saúde e Segurança

Nacional. A quarta estrela na Esplanada dos Ministérios será o MAP. Os demais prédios serão transformados em escolas, postos de saúde e em retiros espirituais.

Zilda Arns (1934-2010), de saudosa memória, será a mentora desse trabalho transcendental. Essa surpreendente mulher disse certa vez: “Nunca se deve complicar o que pode ser feito de maneira simples”. Assim é minha mãe. Soube administrar como poucos as carências materiais: enquanto ela criava cinco filhos e cuidava da mãe em seus últimos momentos no plano físico, Anninha fazia casaquinhos de tricô, e auxiliava o meu pai a alimentar a família.

Assim, o orçamento do novo Ministério será igual a zero. Toda e qualquer atuação será voluntária. Você se habilita a trabalhar com a ministra Anna? Ela lhe dará as boas-vindas, oferecendo como retribuição o seu melhor sorriso. Amor e Paz!

Brincadeira de roda

Em setembro eu completarei quatro anos navegando pelo mundo encantado do Facebook. Nesse período, eu reencontrei amigos antigos; construí novas amizades; recebi, também, comentários e ‘curtidas’ de internautas que possivelmente jamais venha a conhecer pessoalmente. O mundo está, literalmente, a um click de distância. Foram inúmeras as mensagens inspiradoras que eu recebi, por meio da rede social lançada em 04/02/2004 por Mark Zuckerberg.

Há poucos dias, eu tive a grata surpresa de observar significativa foto em uma das comunidades virtuais nas quais estou inserido. Nessa imagem desbotada pelas décadas, 32

crianças de 10 anos se colocam ao lado da professora Jurema, na quarta série B, primeiro período, do Grupo Escolar José Alves de Cerqueira César.

A plaqueta que identifica a turma está apoiada na perna esquerda do terceiro menino da primeira fileira, a partir da esquerda. Aquela criança de 1973 sou eu. Eu não tinha essa foto, pois a falta de recursos da época impediu a família de adquiri-la. Mas o rosto de muitos dos colegas de infância jamais saíra de minha cabeça. O semblante da professora, então prestes a aposentar-se, também integrava a minha memória.

Quarenta e três anos depois, eu reflito: o que ainda tenho em comum com aquele estudante da 4ª série B? O que restou do sonho de ser agente de mudança, sendo útil ao maior número possível de pessoas? Em quais sentidos eu contribuí para melhorar este, por vezes, incompreensível mundo? “Eu não sei” é a resposta tríplice.

A certeza irrefutável, porém, é que as mais de quatro décadas passaram e eu não percebi – como se a brincadeira de roda avançasse rapidamente. Os mais velhos sempre me alertaram para o fato de que a vida é muito dinâmica, e que invariavelmente só temos o dia de hoje para agir. A oportunidade perdida – a exemplo da palavra falada e da flecha lançada no provérbio chinês –, não volta mais.

Pai e filho: a história se repete...

Eu adoro assistir a filmes, especialmente no cinema. Afinal, toda a sétima arte foi elaborada para ser exibida em telas gigantes; as mensagens perdem muito de sua essência quan-

do apresentadas na TV. Apesar deste gosto, já fazia quase um ano e meio que eu não assistia a uma boa película do princípio ao fim, com plena atenção e rara emoção.

Pois bem, no primeiro sábado de agosto, eu fui ao Centro Espírita Gean, em Santana, a convite de meu amigo Afonso Moreira Junior, a fim de rever uma das mais lindas e emocionantes passagens cinematográficas entre pai e filho: “Peixe Grande”, com magistral direção de Tim Burtin (1958). Trata-se do grande contador de histórias Ed Bloom que, durante toda a experiência terrena, revela as suas inúmeras aventuras – sempre com boa dose de imaginação.

Ed é um completo sucesso, cativando todos que o conhecem. Existe, porém, uma significativa exceção a essa regra: Will, seu único filho, não gosta nem um pouco desse arraigado hábito do pai, e passa anos sem falar com ele. Ambos se reconciliam somente quando Ed está prestes a encerrar a sua missão por aqui. O reencontro entre ambos e o final são surpreendentes. Eu recomendo!

Na vida real, verdade e fantasia comumente se misturam, especialmente quando vamos contar uma história que nos dá alegria e prazer. Meu pai, Paulo (1928-2008) foi um homem de poucas palavras, mas de muito trabalho e duras experiências. Somente quando eu cheguei à meia-idade que pude descobrir e admirar plenamente esse saudoso homem. Como eu queria tê-lo sempre comigo, além das dimensões de meu coração de eterno menino.

No domingo dos pais, eu e meus entes queridos nos confraternizamos, tendo por base a memória de um padeiro, nascido em Nazaré Paulista, que aos 17 anos mudou-se para a ‘cidade grande’, a fim de constituir sua família. Anna, os

cinco filhos, nove netos e quatro bisnetos agradecem por sua determinação e fé. Pai, meu herói, você venceu!

As rosas e o tempo não falam

Convidado por dois novos amigos para fraterno almoço em São Miguel Paulista, no sábado, dia 25, eu tive a oportunidade de caminhar com eles por cerca de 800 metros, visitando o completo e bem organizado comércio do bairro. Foi maravilhoso conversar por cerca de 90 minutos com os profissionais que fazem do sorriso e do bem-servir a sua filosofia de vida.

No dia seguinte, após visitar a Casa Perseverança, no Jardim Anália Franco, eu e a família nos dirigimos ao Paraíso – o bairro. Nós ficamos ao lado da tia Maria, que reside em famoso logradouro, e a seguir eu fui caminhar de mãos dadas com a minha eterna namorada na mais paulista das avenidas da capital.

Se na véspera eu percorri ruas que exalavam ares do comércio, agora eu estava diante de prédios, pessoas e símbolos que traduziam história e, principalmente, rica cultura. O olhar foi muito diferente das ocasiões anteriores em que percorri a Paulista – sempre envolvido emocionalmente com compromissos profissionais.

Nós conhecemos a Casa das Rosas, onde pudemos nos sentar em cadeiras confortáveis na sacada do prédio, e observamos gigantesca gravura em cores vibrantes com o rosto do arquiteto Oscar Niemayer. Mas o destaque ficou por conta da mostra sobre o cantor e compositor Elomar Figueira Mello (1937).

Atendido pelo monitor-jornalista Leandro, eu utilizei um fone de ouvido para escutar mensagem de Elomar acerca de precioso bem: “O tempo dos homens, o cronológico, é medido de segundo em segundo; o Tempo de Deus é contado de eternidade em eternidade”.

Nesse dia, de fato, o tempo transcorreu de forma diferente. O almoço, às 16h, destoou da rotina que me absorve sem oferecer justa contrapartida. Naquele domingo na Paulista – sem lenço, com documento, mas sem celular – eu não quis ver ou sentir o tempo passar.

E o cantor anônimo, com voz idêntica à de Caetano Veloso, ofereceu o toque do mestre Cartola para aquele doce fim de tarde: “Bate outra vez, com esperanças o meu coração... As rosas não falam, simplesmente exalam o perfume que roubam de ti.”

Uma questão de inteligência

Ainda jovem, o conferencista gaúcho Eduardo Tevah, em conversa com seu pai, afirmou que estava descontente com os resultados colhidos nas palestras que vinha assistindo. – Pai, parece que eu já sei tudo o que o expositor transmite. Somente uma informação ou outra é novidade para mim. A resposta foi: “Isso é sinal de que você sabe muito, filho amado, mas não sabe tudo. Abra os ouvidos da mente e do coração, e aprenda tudo o que puder”. Grande valor nós encontramos no conselho desse homem. A cada dia em que nós vivemos, estamos aprendendo algo com alguém. A verdade não poderia ser outra.

O empresário e palestrante Marcelo Dória desenvolveu o tema “Supere a crise com excelência e criatividade no atendimento ao cliente”, no Dia do Comerciante (16/07), na ACE-Guarulhos. Ele esbanjou simpatia, e fez comentários sobre a total inutilidade de nós reclamarmos do governo, dos colaboradores, dos tributos e dos clientes.

Após mais de uma hora, agregando informações de imenso valor - inclusive contando como foi o início de sua trajetória profissional, repleta de desafios -, Marcelo agradeceu a todos pela atenção e já estava prestes a despedir-se de seu público, quando uma moça na plateia pediu para fazer mais uma pergunta: “Quando foi que você começou a acreditar que a sua experiência poderia ser útil a outros empresários?”.

A resposta surpreendeu todos os presentes, e quem sabe ao próprio palestrante... “Nós devemos ser inteligentes o suficiente, a fim de entendermos que sempre teremos muito a aprender”. Marcelo emocionou-se após pronunciar essas palavras. Valeu a palestra! Muito obrigado à moça que o indagou. A audição ativa deve ser praticada por todos nós, durante todo o tempo. Falar bem é relativamente fácil; ouvir com eficácia, porém, é muito difícil. Escutar atentamente a mensagem, portanto, é o caminho para a nossa evolução nos diversos campos da vida.

Cérebro, off; coração, on

Existem momentos na vida nos quais todos nós gostaríamos que o mundo parasse um pouco de girar em seu acelerado ritmo, e nos desse a chance para a reflexão. Há poucos dias, eu pedi licença de minhas atividades profissionais roti-

neiras, desliguei o cérebro e ativei plenamente o lado esquerdo do peito.

É evidente que não consegui deixar de pensar, até porque a atividade cerebral é inerente a nossa condição de seres animados. Mas consegui enxergar um mundo mais pacífico, a partir de meus sentimentos mais nobres – genuinamente extraídos do coração.

Para começar, a caminho da cidade de Lambari (MG), observei que a mesma água utilizada na pia do banheiro de um restaurante era canalizada para o mictório coletivo. “Que boa ideia”, pensei. Em tempos de crise hídrica, toda e qualquer colaboração para utilizar a água com parcimônia será sempre bem-vinda.

Durante a primeira madrugada de folga, acordei por volta da 01h30 e não consegui conciliar o sono por cerca de duas horas. Foi o tempo de ligar a TV, o que raramente faço, e assistir a interessante documentário a respeito do maestro Jorge Antunes (1942). No comício das Diretas Já, em 1984 no Distrito Federal, ele regeu um buzinaço de carros, demonstrando toda a sua criatividade, além de histórica dose de irreverência e coragem explícitas.

Os dias que se seguiram na cidade foram de calma e harmonia ao lado dos meus entes queridos. A família é o maior patrimônio que Deus nos confia a guarda e, ao mesmo tempo, representa a melhor oportunidade de crescimento espiritual que nós podemos encontrar nesta rápida passagem pelo mundo físico.

Os pais, os irmãos, o cônjuge e os filhos representam verdadeiro tesouro no caminho da Iluminação Plena. Não é possível ser feliz sem dar o devido valor a quem precisa de

nossa atenção e do nosso carinho. Os pensamentos, as palavras e as ações devem acompanhar a nossa conduta diária. Essa postura aquece o coração de quem ama e, ainda mais, daquele que é amado.

Em tempo - O meu tributo e a minha gratidão eterna a Osvaldo da Costa e Silva, que edificou harmoniosa família durante a sua missão terrena, concluída no dia 16 de julho de 2015. Tio, descanse em paz.

Já dizia a minha avó

“Quando for fazer uma prova na escola, filho, ou passar por uma entrevista de emprego, chupe antes uma bala para se acalmar”, dizia Brasília Monta Raposo, minha avó materna, nascida na Terra em 1899; e no Céu, 75 anos depois. Faz muitos anos que eu não fico nervoso, vovó, mas jamais me esqueci do seu sábio conselho.

Brasília tinha vasto repertório de frases feitas. Uma delas é-me útil todos os dias: “Melhor prevenir do que remediar”. Quanta riqueza nessas palavras; quantos erros eu poderia ter evitado se tivesse praticado esse ensinamento. Eu sei que a frase não era dela, mas foram seus lábios que primeiro a pronunciaram para mim. Onze anos era a minha idade, quando vovó viajou para o mundo espiritual.

Ela também me orientava a olhar para os dois lados antes de atravessar a rua. Na época, ainda não havia os drones. Olhar para cima, portanto, era desnecessário. Mas, o que tenho notado é que os pedestres não têm respeitado essa simples orientação no dia a dia. Do ponto de vista de quem guia o veículo, fica a impressão de que as pessoas tomam a decisão

de atravessar a rua, fora da faixa de segurança, e seguem em frente sem hesitações – muitas vezes, olhando tão-somente para a tela do celular.

Por essa e por outras imprudências é que nós observamos diariamente muitos brasileiros retornarem mais cedo para a Casa, desperdiçando a grande oportunidade de evolução que a vida neste plano nos oferece. Na série, Kung Fu, exibida pela TV entre 1972 e 1975, e estrelada por David Carradine, foi dito que “ninguém morre pela prudência”.

Nas estradas paulistas, boa parte dos atropelamentos ocorre próximo às passarelas. O que justifica tanta pressa? “Mais vale perder um minuto na vida, do que a vida em um minuto”. No tempo da minha avó Brasília, esse provérbio já era uma verdade inquestionável. E continua sendo... ‘Quando um não quer, dois não brigam’; ‘onde há fumaça, há fogo’; ‘mais vale o gosto do que dinheiro no bolso’.

Maktub: “assim estava escrito”

Nos anos de 1993 e 1994, o escritor Paulo Coelho publicou em vários jornais do país uma breve e inspiradora coluna diária, cujo título era Maktub (carta, em árabe). Tempos depois, o autor lançou coletânea desses textos, com a informação de que o significado amplo da palavra era “assim estava escrito”, imprimindo certa resignação aos aspectos da vida que independem de nossa vontade.

Certa vez, a coluna trouxe esta comovente história: “O homem chegou em casa, após mais um dia de trabalho, e encontrou o ambiente estranhamente escuro. Ao iluminar a sala, foi surpreendido com vozes, em uníssono, que anun-

ciavam a ‘surpresa!’. Era o aniversário dele. Após a música tradicional que se seguiu, um amigo pediu ao homem para que este discursasse. – ‘Estou velho’, disse; - ‘E mais sábio. Durante toda a sua vida, nós o vimos rezar. O que pedia a Deus?’, indagou outro...

O homem respondeu: ‘No início da vida, jovem e ousado, eu pedia a Deus para que me ajudasse a mudar o mundo; mais tarde, já casado, rogava ao Criador para que eu encontrasse forças para mudar a minha família. Hoje mais consciente de minhas limitações, eu rezo para que o Pai me conceda a graça de melhorar a mim mesmo”.

Esse é o enredo da peça atualmente interpretada por nós no teatro da vida. Quantas ilusões no sentido de melhorar o mundo dos outros, as pessoas próximas ou não, a política econômica e as relações externas do país... A mudança efetiva e genuína só pode começar e avançar dentro de cada um; em nossos pensamentos, nas palavras pronunciadas ou escritas e nas atitudes que enobrecem ou empobrecem a condição de filho de Deus. Eis aqui uma excelente e justíssima razão para viver: tornar melhor o mundo e as pessoas que nele vivem, desde que seja a partir da vitória nas lutas diárias sobre as nossas próprias fraquezas tão humanas.

Essa é, antes de tudo, uma decisão que pode transformar o ato impossível em fato concreto. Tudo depende, porém, da real utilização do livre-arbítrio – com gratidão e extremo bom senso. Ralph Waldo Emerson (1803-1882), filósofo norte-americano, afirmou: “Cultivar a força de vontade é o objetivo de nossa existência. O momento e a oportunidade esperam de braços abertos os que possuem uma firme determinação”. Assim estava escrito!

Os retratos do Brasil de Julia

Aos dez dias do mês de setembro de mil e novecentos e trinta e quatro nasceu no bairro paulistano da Casa Verde a menina Julia Aparecida Raposo, terceira criança – primeira menina - no lar de João e Brasília. Quando chegou ao mundo, Getúlio Dornelles era o presidente da República desde 1930.

Ainda muito jovem, aos 16 anos, Julia casou-se com Oswaldo, agregando aos seus o nome Silva. Era o dia 19 de maio de 1951, e Getúlio estava de volta para seu segundo mandato. Quando a Petrobras foi fundada, em 03 de outubro de 1953, o amor já havia frutificado duas vezes: Conceição e Regina já integravam a família. No ano em que Vargas ‘saiu da vida para entrar para a história’, chegava ao mundo a menina Vera Lúcia.

A quarta filha, Rosania, nasceu no ano em que assumiu o presidente Juscelino Kubitschek, com o lema “50 anos em cinco”. A caçula Cleide nasceu, e JK estava construindo Brasília. Quando Julia e ‘Wadinho’ comemoravam os 10 anos de casados, Jânio Quadros presidiu o Brasil por menos de sete meses, mergulhando o país em uma dura crise que culminou com o golpe militar de 1964.

Geisel presidia o país, em 1977, e a família recebia de presente a menina Priscila – a primeira neta de Julia e Oswaldo. Quando Tancredo Neves foi eleito presidente da República, no Colégio Eleitoral em 1984, já eram oito os netos. No impeachment de Fernando Collor, em 1992, todos os nove membros da terceira geração já haviam nascido.

No Brasil de Lula, muitas pessoas ‘ampliaram seus horizontes’. Naquele momento histórico, em 2006, Anna Lia, a primeira bisneta, enriquecia com o seu nascimento o lar dos Raposo Costa e Silva. Hoje, são três os representantes dessa nova geração – e mais cinco, se considerados os felizes agregados. Nos oitenta anos de Julia, o mundo iniciou e superou a II Grande Guerra, os brasileiros enfrentaram crises de todas as ordens; e progrediu, sempre, depois que as superou.

Toda essa rica história é contada por meio de fotos, fartamente expostas no Lar de Julia. Os retratos presidenciais na parede vêm e vão, mas as famílias deste país permanecem em franca evolução. Vida longa a minha tia Julia! Serenidade e Sabedoria aos brasileiros de boa vontade.

Quem é José Augusto Pinheiro?

O jornalista, escritor, radialista, mestre de cerimônias, celebrante de casamento e palestrante José Augusto Pinheiro é formado em Ciências Jurídicas e Sociais pelas Faculdades Integradas de Guarulhos (1986) e pós-graduado em Marketing e Propaganda pela Universidade São Judas Tadeu (2007).

Desde 1984, ele é mestre de cerimônias em eventos sociais e corporativos para os três setores da economia. No ano seguinte, fez o curso de locução do Senac-Guarulhos.

Em 2009, ministrou aulas de Teoria da Comunicação para futuros comunicadores no Senac-Santana. Em 2010, foi docente para estudantes de Jornalismo na Faculdade Torricelli.

José Augusto é ainda companheiro do Rotary Club Guarulhos Sul, estudante Rosacruz e adepto da filosofia Seichon-no-ie e dos ensinamentos da Igreja Messiânica.

Durante 18 anos (1977-1995) foi funcionário concursado do Banco do Brasil S.A., onde ingressou como menor aprendiz e encerrou carreira como gerente de atendimentos especiais.

Como âncora do radiojornal RBN Notícias, da Rádio Boa Nova 1450 AM (Grande São Paulo) desde 2007, foi o mediador de dois debates a prefeito de Guarulhos, SP, em outubro de 2008. O programa já superou a marca das 2.300 edições diárias.

É membro efetivo da Academia Guarulhense de Letras – AGL, onde ocupa a cadeira 21 há 13 anos. É autor do livro de crônicas positivistas “Novo Amanhecer” (2003) e da obra história “Jubileu de Ouro da ACE Guarulhos” (2013).

Nasceu em 1963 em modesta casa do bairro de Vila Galvão, em Guarulhos, região metropolitana de São Paulo. É casado desde 2000 com Rosana, com quem tem um filho: Matheus Francisco (2003). Com muito orgulho, o escritor é filho de Paulo (1928-2008) e de Anna Pinheiro (1937).

LINEU ROQUE ACEIRO

A nobreza da comunicação

Certamente os amigos acadêmicos já observaram a disseminação de celulares, tablets, smartphones. Não falta exposição para tal, até exibicionismo desses meios atuais de comunicação. Mas o importante é que, há uma necessidade essencial: “a de comunicar-se”.

A comunicação é uma condição humana indispensável para a convivência pacífica numa sociedade organizada. Sem ela não haverá laços verdadeiramente humanos porque fomos feitos para o profundo relacionamento de uns para com os outros. Não somos ilhas isoladas nem estrelas distantes, impossíveis de se alcançar. É preciso pontes, não muros!

O desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação rompeu todas as barreiras ou limites entre as pessoas. Todas se comunicam entre si. Usam a Internet: Sites, Blogs, Facebook, Emails, aparelhos celulares. Há em toda essa inovadora realidade um lado positivo e um negativo. Positivo porque posso rapidamente me comunicar com alguém independente do lugar ou distância. Negativo porque também me empobrece na comunicação. Precisamos do olho no olho, do aperto de mão, um abraço, terno e carinhoso.

Não podemos esquecer que comunicação é também presença. Nada mesmo vai substituir a minha presença junto da pessoa com quem me comunico. O olhar pugente, o aperto de mão, os gestos, o abraço, as sinceridades das palavras nunca poderão ser substituídas, por melhor que seja o meio da comunicação. Ali está a pessoa que fala, que escuta também, que olha, que gesticula e está presente. É diferente, é pessoal, ausência de impessoal.

Essa riquíssima experiência humana não pode ficar perdida. É preciso voltar para o encontro pessoal com aquele que consideramos, que gostamos, que amamos, e seja qual for a situação existencial: saúde, tristeza, alegria, morte... eu estou aqui! Será que a desenfreada busca, muitas vezes, das novidades tecnológicas não é sinal de que está nos faltando o essencial? O calor, a expressão, a delicadeza do gesto suave e sincero, a presença, o olhar cativante – manifestações que nenhuma máquina substitui, por melhor que seja. É portanto inevitável, redescobrir a comunicação da presença, do amor enfim.

Sem amor, sem contato, sem comunicação, somos pássaros com asas quebradas...

Um olhar

Ódio e Vingança entre duas famílias, poderosas famílias do vasto sertão baiano – Gonzaga Rocha e Suçuarana.

Crimes, desavenças, perseguições, invejas, mortes. Por fim, digna de castigo Albertina atrás das grades. É bonita a narrativa, a exposição é clara, precisa, sábia, cuja leitura tan-

to agrada, nos envolve aguçando a curiosidade e o mais vivo interesse. Lí, reli e relei-o novamente.

Bate uma saudade dorida dos tempos de Castro Alves, dos teatros lotados, dos seus versos, das amantes e de seu esplendoroso sertão nordestino. Da paixão avassaladora de Pórcia por Leolino.

São amores condenados...

Amores de sangue,

Tão bem narrados pelo confrade Natalino...

Estadista notável

Pedro II perde o trono aos 64 anos, desgastado pela moléstia, cansado de intrigas políticas, isolado dos homens que começaram com ele. Depois o imperador não alimentava rodas de amigos, cortesãos que o pavoneassem, que se valessem de sua amizade para favores políticos.

Amizade e política eram duas coisas que o monarca isolava muito. Quem freqüentava o paço não tinha vez nas horas políticas.

Só! Foi assim que se viu o monarca na hora do exílio. Subiu a bordo assistido por poucos. Lamentaria depois o sofrimento de embarcar de madrugada, como um negro fujão, sem conforto, com o perigo iminente de cair no mar profundo. Mas foi, sem reclamar. Ia embora porque o Brasil não lhe queria mais. Nasci aqui, sou brasileiro, eu amo esta terra.

Meu Deus! Que fiz eu para esta gente! Não poderia mais ser professor, como sempre quis. A imperatriz não queria o exílio. Preferia ficar em Petrópolis, ela e o marido, já habituados à paisagem serrana.

Mas o governo ingrato foi intransigente. Precisavam embarcar e rápido, para evitar manifestações maiores. O casal de velhos, a princesa – que trocara sua coroa por uma rosa de ouro, os netos, seguiram todos para a Europa – sem felicidade nenhuma.

Pedro II aborrecido filosofava: era sua liberdade, sua aposentadoria. Um dia haveriam de se lembrar de mim!!!

E um repórter o aborda:

- Vai publicar um manifesto?

- Para quê! O manifesto é a minha pessoa enquanto viva...

Pedro II e a instrução

Terminada a campanha contra o Paraguai, que custara ao Imperador, vinte anos de vida, obrigaram os seus admiradores uma merecida subscrição nacional, para erigir-lhe uma estátua.

Ao ter notícia da idéia, Sua Majestade dirigiu uma carta aos promotores do movimento, pedindo-lhes, ou mesmo aconselhando-os para que aplicassem o produto da subscrição na instalação de escolas para o povo. E, assim dizia ao primeiro signatário:

— “Os senhores e seus predecessores sabem como sempre tenho falado no sentido de cuidarmos seriamente da educação pública nos mais distantes lugares.

Agradecendo a idéia que tiveram da “estátua”, estou certo de que não serei forçado a recusá-la”.

E.T. “Pobre República Brasileira”...

MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA

Amizade interesseira

Sou amigo do poeta
Então, porque querer mais
Sou amigo do poeta
Que versos e rimas faz
Rimas sonantes, perfeitas
Versos em fremidos ais...

Poeta que é tão sensível
Que retrata o amor, a vida
Que se faz compreensível
Quando a rima preferida
Nos toca de forma incrível
Tal qual dedo na ferida.

Sou amigo do poeta,
Este gigante imortal
Sou amigo do poeta
Que de forma magistral
Transforma a palavra bruta
Em poesia angelical.

Fazer poesias ele anseia
Sobre infindáveis temas
Versos fluem em suas veias
E sem o menor problema
Vai compondo, a mancheia
Sem jamais deixar a cena.

Sou amigo do poeta
A quem chamo de irmão
Sou amigo do poeta
De alma e de coração
Para mim serás perene
Acima até da razão.

O homem...

Um herói...

O herói...

O ídolo...

O ídolo...

Uma estrela...

A Estrela...

Meu pai...

Meu pai...

Um santo homem...

MIGUEL ALVES DE OLIVEIRA, um autodidata iluminado, pai de família extremado, corajoso, forte e ao mesmo tempo sensível e apaziguador. Deixou-nos um legado próspero, benigno, confiável e respeitável, tanto que, provocou em mim o nefasto sentimento da inveja por tentar seguir os seus passos e não conseguir ser para os meus, a décima parte que ele foi para a sua prole.

Pai, amor, paz e saudade.

Velho pai que foi tão cedo,
para aqueles que têm medo,
sem poder compreender,
que partiste no teu tempo,
Já cansado, mudo, lento,
sem próximo alvorecer.

E, no dia da partida,
determinada a subida,
foi o maior escarcéu.
Esposa e filhos chorando e,
ninguém se conformando
porque partias pro céu.
Pro céu sim, como foi dito.
Pois, foi onde, eu acredito,
fostes firmar a morada.
Para acolher, um dia,
a esposa, Estrela Guia,
o séquito, a filharada.

Partistes pro réquiem,
fostes brilhar no além,
brandir teu facho de luz.
trazer lume para o mundo,
porque és amor profundo,
és paz, és louvor, és jus.

Sinto em mim tua presença,
latente na consciência,
tua grandiosidade.
Me ilumino com teu brilho,
orgulho de ser teu filho,
da nossa grande amizade.

Fostes Fênix, águia forte,
que superou tudo, a morte
e das cinzas ressurgiu.
És o nosso herói eterno
exemplo de amor paterno,
que com vigor construiu.

Feito uma velha galinha
que jamais foge da rinha
pra criar seus pintainhos,
tinhas debaixo da asas,
a mulher, os filhos, a casa
protetor feroz do ninho.

Sempre fostes um patriarca
Porém, simples, não monarca
Elegante, fino trato
Tinhas a magia n'alma
Que a tudo contorna, acalma
Valente, inteligente, cordato.

Assim foi meu pai querido,
amante, amado e amigo,

gigante por excelência.
Gerou, cuidou, educou,
os filhos que alimentou
de pão, paz e providência.

Desencarnastes, que pena!
Não lerás os meus poemas,
nem as bobagens que escrevo,
porém, todas as poesias
trarão muitas energias
pro filho que foi teu servo.



PLINIO TOMAZ

Confederação dos Tamoios

Lembro que quando aprendi sobre a Confederação dos Tamoios, que era uma reunião das tribos comandada pelos Tupinambás. Provocado pelos franceses, mas foram pacificados pelo padre espanhol José de Anchieta (1534-1597) e que anos depois os franceses foram expulsos.

A verdade, porém, não é bem assim. Os índios e os portugueses não eram tão bons. Foi uma história violenta e cruel como salienta, Thales Guaracy, no seu livro “A conquista do Brasil de 1500 a 1600”.

Primeiramente a palavra Tamoios vem de Tamuá que quer dizer “velhos”. Os chefes de várias tribos se reuniram para acabar com os portugueses formando a Confederação dos Tamoios. De modo geral os prisioneiros dos índios eram devorados, conforme diz o famoso mercenário alemão Hans Staden.

Os Tupinambás eram índios ferozes e antropófagos que habitavam a região do Rio de Janeiro desde o Cabo Frio até a cidade de Bertioga no Estado de São Paulo. Os franceses deram armas e até canhões para eles. Atacaram a cidade de São Paulo (Vila de São Paulo de Piratininga) por dois dias,

mas foram repelidos pelos portugueses que lá habitavam e pelos índios Tupiniquins, aliados do português João Ramalho (1493-1580).

João Ramalho veio do mar e os índios o apelidaram de peixe seco usando a palavra Piratininga, querendo dizer que ele veio da água sem se molhar.

Depois deste ataque José de Anchieta e o padre Manoel da Nóbrega (1517-1570) foram para Ubatuba onde conhecia Coaquina, chefe de uma tribo dos Tupinambás e as duras custas conseguiu a Paz de Iperoig em 1563. Sob violenta tensão Anchieta escreveu na areia o célebre “Poema à Virgem” com 1.107 palavras e foram decoradas, passando posteriormente em papel. Segundo os estudiosos no assunto, o poema é literariamente pobre.

Poema a Virgem - Padre José de Anchieta

Escrito pelo Padre nas areias da Praia de Iperoig em Ubatuba.

Minha alma, por que tu te abandonas ao profundo sono?
 Por que no pesado sono, tão fundo ressonas?
 Não te move à aflição dessa Mãe toda em pranto,
 Que a morte tão cruel do FILHO chora tanto?

Anchieta e Nóbrega ficaram em Iperoig como reféns.

O próprio chefe dos Tupinambás Cunhambebe os levou para São Paulo, com a promessa de que todos os índios que estavam escravizados fossem libertados e que fossem entregues aos Tupinambás, todos os índios que lutaram contra eles em São Paulo, ou seja, os Tupiniquins e os amigos portugueses deles.

Esta paz foi rompida várias vezes pela Confederação dos Tamoios e José de Anchieta chegou à conclusão que não havia outra solução, senão atacar na Bahia de Guanabara os índios com ferro e espada.

Alguns anos depois em 18 de janeiro de 1567 uma esquadra portuguesa comandada por Mem de Sa com três navios galeões, duas caravelas e seis caravelões fortemente armados com canhões, atacaram os franceses e depois a tiros de canhão e arcabuz mataram todos os índios tupinambás. Mesmos os que se entregavam e tinham fugido nas matas eram procurados e assassinados. Todos os chefes da confederação dos Tamoios foram executados assim como os franceses que os apoiavam.

Somente após isto que foi o ano de 1567 é que realmente começou a colonização do Brasil.

Uma curiosidade é que José de Anchieta era espanhol e filho de mãe judia e que João Ramalho pelas letras que escreveu em um documento, era provavelmente judeu e conhecedor da cabala.

Newton de Oliveira Evans

Morava em uma casa anexa à antiga Padaria Barão que ficava na esquina da Rua João Gonçalves com rua Presidente Prudente, no centro de Guarulhos. O imóvel era de um português chamado Chico Florista que tinha do outro lado da rua Presidente Prudente uma vila de casas todas muito boas.

O Newton Evans morava em uma delas. Era filho do dr. Heraldo Evans e Dona Lindóia. Tinha um irmão que chamávamos de Heraldinho.

O pai do Newton Evans, o sr. Heraldo era contador e o homem mais competente que vi no funcionalismo público. Uma vez perguntei ao sr. Heraldo quando ficaria como ele e disse: “Quando você aprender a dizer não”.

O Newton aprendia violino, mas detestava o aprendizado.

Ele jogava Bola ao Cesto muito bem e tinha o pescoço comprido e daí o apelidaram de “Newton Ganso”.

O Newton era muito inteligente e se destacava em nossas tertúlias intelectuais que fazíamos após a saída do Clube Recreativo que ficava na rua D. Pedro II e depois subíamos para a Praça em frente a igreja do Rosário. Tinha também outro amigo nosso o Dionísio Marcial Fernandes que tinha uma inteligência fora do normal e nunca o vi perder uma discussão. Soube que entrou em primeiro lugar na Faculdade de Direito São Francisco.

O Newton era especialista em Machado de Assis e sempre nos contava algo a respeito dos seus livros e daí eu também comecei a lê-los pegando os exemplares emprestados na Biblioteca Monteiro Lobato.

Discutíamos sobre o livro de Machado chamado Dom Casmurro, se Capitu traiu ou não o Bentinho. Lembro que na época tinha certeza que não, mas muitos anos depois quando li novamente o livro, mudei de opinião.

Discutíamos sobre a “Teoria do Medalhão” e “Ao vencedor as batatas” e a falsa filosofia humanistimo de Machado encontrada em Quincas Borbas.

Havia na época um programa na televisão branco e preto chamado “O Céu é o limite”, onde havia um apresentador chamado Aurélio Campos e o sr. Tulio Lemos que fazia as perguntas e quando a resposta estava certa dizia: absoluta-

mente certo! Tinha um sargento da Aeronáutica que morador em Guarulhos chamando Normando Meirelles que respondia às perguntas obre Castro Alves e que ficou famoso.

Todos queríamos que o Newton fosse ao programa para responder as perguntas sobre Machado de Assis, mas ele sempre recusava.

Lembro que o Newton citava as obras de Eça de Queiroz e o livro de Stendhal chamado “O vermelho e o negro”. Novamente tive de ir à biblioteca circulante de Guarulhos e ler os livros, mas o Newton via coisas nos livros que eu não percebia. Era uma pessoa superinteligente acima da média normal dos nossos amigos e todos o respeitavam.

Li todos os livros e contos de Machado de Assis e lendo um conto fiquei tão impressionado que escrevi uma radionovela sobre o mesmo e entreguei ao meu amigo Newton. Tinha escrito numa máquina de escrever velha e não tinha copias. Nem lembro o nome do conto e do enredo da radionovela. O Newton que trabalhava na Rádio Difusora Hora Certa de Guarulhos, fez uma novela de rádio com o meu trabalho. Também não sei se foi bem aceita ou não, ele não me contou.

Contava ainda o Newton que também era disc-jóquei na rádio e que algumas vezes a Cely Campeiro com o seu irmão Tony quando estavam a caminho da capital, passavam lá e deixavam um disco de presente.

Uma vez o Newton apareceu em um programa de TV preto e branco, representando um rock do Elvis Presley onde vários jovens apareciam em prisão e dançavam.

Nas férias o Newton sumia e ia para a cidade de Lindoya onde tinha parentes.

O Newton gostava de jogar cartas e eu detestava. Ia à casa de todas as garotas de vizinhança onde se jogava por brincadeira, mas horas a fio.

O Newton parecia um Lorde Inglês, pois, gostava das calças com um belo vinco e de preferência inglesas, assim como sapato de cromo alemão. Era como se um cavalheiro inglês morasse em Guarulhos. Mais tarde soube que jantava todas as noites a luz de velas.

Tinha uma sorte por mulheres de uma maneira impressionante. Namorava todas as garotas que queria. Uma vez estávamos em um baile no Club Transatlântico e como não tinha muitas garotas, ele dançou com uma garota não muito bonita. Acontece que ela se apaixonou pelo Newton e tentou duas vezes o suicídio. Por duas vezes, o pai e irmão da moça procuram o Newton para levá-lo ao hospital, pois, ela queria vê-lo.

Foi Diretor de Escola e das Secretarias da Administração e da Secretaria da Educação de Guarulhos nos tempos idos e vividos como diria Machado de Assis.

Morreu em fins de 2014, o Cavaleiro Inglês do século XIX.

A Revolução Paulista de 1924

O jornalista Moacir Assunção escreveu o livro “São Paulo deve ser destruída- a história do bombardeio à capital na revolta de 1924”. A revolução de 1924 também é conhecida como a revolução esquecida.

Antes de ler o livro tinha tido várias referências de que a revolução de 1924 era uma revolução comunista, pois, ci-

tavam até Luiz Carlos Prestes e alguns afirmavam que tinha durado mais de um ano. Pura mentira.

Na verdade os tenentes se revoltaram contra o governo de Arthur Bernardes e tomaram os quartéis do exército e força pública em São Paulo. Isto se deu no dia 5 de julho de 1924 e durou somente 23 dias. No dia 28 de julho os tenentes fugiram de trem para Bauru com 3500 soldados, catorze canhões, animais, viveres e munição. Lá sob a chefia de Miguel Costa desceram para o Paraná e encontraram a coluna de Luiz Carlos Prestes que vinha do sul, formando uma nova coluna denominada Costa-Prestes que depois subiu o Brasil até o nordeste viajando a cavalo mais de 20 mil quilômetros. Depois alguns anos, Prestes se refugiou na Bolívia e foi lá em 1930 que Luiz Carlos Prestes virou comunista.

A coluna Costa-Prestes nunca encontrou Lampião que estava ativo na época. A coluna pegava os gados das fazendas e dava como pagamento em Bônus que nunca seria pago.

Morreram em São Paulo 503 pessoas e ficaram feridas 4.846 na revolução de 1924.

São Paulo tinha 700.000 habitantes e em poucos dias saíram da cidade 250.000 pessoas fugindo principalmente para Campinas e Guarulhos.

No bairro da Penha, próximo a Guarulhos, foram instalados em frente à igreja sobre uma rocha bem alta, os canhões de longo alcance que bombardearam à moda alemã, não só os quartéis, mas toda a vizinhança. São Paulo a noite parecia um bolo de aniversário cheio de fogo e fumaça.

Foram usados até tanques de guerra franceses e aviões contra os revoltosos.

Na rua Guaiauna no bairro da Penha colocaram também mais canhões. pois lá perto desciam os soldados que vinham do Rio de Janeiro para combater os tenentes revoltados.

Anos mais tarde os tenentes junto com Getúlio Vargas tomaram o governo federal em 1930 prometendo eleições. Puseram um tenente para comandar o Estado de São Paulo para acabar com as indústrias e agricultura e como não foram feitas eleições para presidência da República, gerou a revolução Paulista de 1932.

Em 1938 Getúlio instalou o Estado Novo e esqueceu de uma vez os tenentes.

Reinhard Heydrich

Uma vez estava em um escritório de um grande advogado em Guarulhos e em sua companhia estava um advogado judeu. Comentavam uma notícia de uma orquestra que tinha nascido em uma favela em São Paulo e foi dito: a música melhora as pessoas.

Imediatamente disse que tal afirmação não era verdade, pois, o maior carrasco de Hitler, Reinhard Heydrich que foi o autor da “solução final dos judeus”, era o maior violinista da Europa. As pessoas que o escutavam ficavam impressionadas e até choravam.

Outra observação que faço é que havia 4 grandes carrascos de Hitler, sendo que todos eram doutores e dois deles era doutores duas vezes. O próprio Heydrich era doutor. Vê-se também que a cultura, também não é suficiente e é preciso acreditar em Deus e na ética cristã.

O pai de Heydrich era católico e tenor bem como dono de uma escola de música. Heydrich chegou a ser coroinha na igreja católica, mas quando assumiu o poder com Himmler prendeu os padres acusando-os de pedófilos e homossexuais. O pai dele era maçom, e Heydrich fechou e prendeu os maçons, começando pela Loja do seu pai. Com o passar do tempo todas as lojas maçônicas da Alemanha fecharam automaticamente com medo de serem presos.

Heydrich era apaixonada pela cidade de Praga que ele queria transformar em uma cidade alemã.

No dia 26 de maio de 1942 deu um concerto de violino em Praga e no dia seguinte foi assassinado com 38 anos de idade

Os assassinos de Heydrich foram treinados na Inglaterra e o mataram, porque o mesmo estava descobrindo que o Almirante Canaris, que era o chefe de espionagem da marinha de guerra alemã, estava passando informações para a Inglaterra.

Hitler deu ordem para destruir a aldeia de Lídice, pois os assassinos seriam de lá. Todos os homens foram fuzilados, as mulheres foram para campo de concentração e as crianças foram para escolas de reeducação nazista. Todas as casas foram dinamitadas e depois passado por cima uma retroescavadeira, desaparecendo até hoje a cidade.

Nasci em Guarulhos em 1941 e lembro que tinha aproximadamente 8 anos, um tio meu chamado Abílio Lourenço Neves tinha uma máquina de filmar onde passava sempre a mesma coisa: um documentário da destruição de Lídice. Era o único filme que tinha e toda a família ficava horrorizada com as cenas. No Brasil no estado do Rio de Janeiro existe

a cidade de Lídice, para que nunca seja esquecida aquelas atrocidades dos nazistas.

Aconselho a quem quiser mais informações sobre Heydrich que leia o livro: *O carrasco de Hitler- a vida de Reinhard Heydrich* escrito por Robert Gerwarth. O livro tem 456 páginas, mas vale a pena ler.

Por que aprender um pouco de mitologia

Visitando na Alemanha o castelo de Neuschwanstein, que é o mais visitado, e construído no estilo germânico, deparamos com pinturas estranhas e para isto temos que saber um pouco da mitologia.

O castelo é uma fortaleza do Santo Graal feito em homenagem ao compositor de óperas: Richard Wagner. A *sala do trono* é baseada na ópera de Richard Wagner chamada Parsifal. A famosa *sala do canto* está baseada na ópera Tannhausen de Wagner e o *quarto de dormir* do rei foi inspirado na ópera Lohengrin também de Wagner.

Na mitologia nórdica temos Odin, as Valquírias, Sigfried e o anel dos nebulungos.

Mesmo quando estudamos poesias, muitas vezes temos citações, como nos Lusíadas em que Camões diz: cesse tudo que a antiga musa canta, que outro valor mais alto se alevanta; cessem do sábio grego e do troiano, as grandes navegações que fizeram...

Camões está se referindo a Homero que escreveu na *Odisseia a guerra de Troia*. Depois Homero escreveu a volta de Ulisses para sua casa no livro *A Ilíada*. Eneias fugiu de

Troia e fez viagem até a Itália e isto foi escrito pelo romano Virgílio no livro Eneida.

Há pouco tempo vi um político na TV citando *Procusto*, que era um bandido que capturava os viajantes e os amarrava em sua cama de ferro. Os que eram muito grandes eram amputados suas pernas e os que eram muito baixos eram esticados.

Sobre mitologia um livro bom para se ler a respeito é “O livro da Mitologia” de Thomas Bulfinch.

Na TV e nos cinemas vemos filmes como Ulisses, Aquiles e se entendermos um pouco mais os personagens, fica melhor a apreciação e o entendimento.

Guarulhos aos domingos nos anos 40

Aos domingos levantava às 8h, tomava café e punha o meu terno e sapatos de missa. O terno era de calça curta e tinha gravata. Não tinha relógio. Era bonito ver a alegria da minha mãe me vendo bem vestido para ir à missa, ela era uma católica fervorosa, como se dizia antigamente.

Saia de casa da rua João Gonçalves, 12 anexa à Padaria Barão que era do meu pai. Descia uns 100 metros na rua e virava a direita e lá estava a rua D. Pedro II. A mais ou menos uns 100m começa a feira de domingo.

A rua D. Pedro II era de terra. Era muito bonito ver a feira, pois, lá estavam as novidades para serem vendidas: brinquedos, aves novas etc. Ia subindo até chegar a Praça Tereza Cristina onde ficava o cine República. Na frente do único cinema de Guarulhos, colocavam nos dias de chuva uma grade inclinada de madeira, para as pessoas não sujarem o piso

quando iam ver as propagandas dos filmes que ficavam expostas do lado de dentro do cinema.

Chegava assim até o coreto em frente a igreja e depois entrava para assistir a missa das 9h.

Sentava nas primeiras cadeiras do lado esquerdo, pois, as meninas se sentavam no lado direito. Todos os meninos levavam o livro de catecismo onde estavam os 10 mandamentos, o pai nosso, credo, salve rainha, ave maria e outros cânticos que tínhamos que decorar.

A bíblia era para ter em casa e não ler, pois, o intermediário entre nós e Deus era os padres.

Dentro da igreja éramos proibidos de pôr a mão no bolso e dobrar as pernas. Era pecado nos diziam.

No lado direito junto ao corredor sempre estava um freira que tinha na mão uma espécie de caixa de óculos. Ela comandava a ora de levantar, sentar e ajoelhar fazendo um barulho. Também nunca entendi porque tinha que levantar, sentar e ajoelhar, pois, preferia ficar sentado tranquilamente.

O padre rezava a missa em latim e ninguém entendia nada. Geralmente o sermão que o padre fazia era de um espanhol misturado ao português em que entendia muito pouco. O coroinha era sempre um menino filho de família rica e todos ficávamos com muita inveja e dávamos apelido ao mesmo. Lembro que um deles nós chamávamos de Bugio e até hoje não sei o nome dele.

A gente não via a hora de terminar a missa que durava uma hora.

As minhas irmãs nunca foram à missa comigo e diziam que gostavam de ir na missa das 10h. Só que elas desciam uma rua bem íngreme até chegar ao córrego dos Cavalos e

lá ficavam uma hora molhando os pés nas águas límpidas. Conta a história de Guarulhos que o córrego dos Cavalos também tinha outro nome, córrego dos Lava-pés, pois, as pessoas vinham descalças para não estragar os sapatos e quando chegavam ao córrego de águas limpas, lavavam os pés, punham o sapato e subiam a rampa para ir a igreja. Minha mãe morreu e nunca soube que suas filhinhas queridas nunca foram à missa de domingo.

Ao término da missa íamos correndo ao coreto para brincar e depois voltávamos a feira, que era sem dúvida o nosso maior divertimento. Brincava também no coreto quando ia visitar minha avô que morava em uma ruazinha ao lado direito da igreja.

Na hora do almoço aos domingos era o melhor da semana, De modo geral comíamos uma macarronada e frango. Quando comia frango o meu pai escolhia a parte que ele queria e depois minha mãe distribuía o resto para ela, para mim e minha duas irmãs. O nosso fogão era a lenha e não tínhamos geladeira que logo apareceram nas casas.

Na parte da tarde a partir das 14h até às 18h era o dia do cinema. Passavam dois filmes, um desenho, uma reportagem cinematográfica chata e um seriado bom. Quase todos os filmes eram branco e preto.

Quando você saía do lugar onde estava sentado e ia ao banheiro no intervalo, tinha que deixar o lenço na cadeira para ninguém tomar o seu lugar. As cadeiras do cinema não eram confortáveis e sempre havia pulgas no cinema.

Voltamos para casa para jantar e depois dormir tirando as roupas e meias deixando bem longe da cama devido às pulgas.

Algumas vezes antes de dormir ia com minhas irmãs passear na rua D. Pedro para ver o footing. A feira já estava limpa e as pessoas se dirigiam para baixo e para cima. As moças iam em grupo, assim como os moços e ficavam “tirando linha”, isto é, olhando um para outro. Daí é que nasciam os namoros e eu as vezes era “convocado” pela minha mãe para “segurar vela”, isto é, não deixar minhas irmãs sozinhas.

Os oráculos estão mortos

Quando estudamos história antiga do ocidente, vemos que tínhamos muitos templos pagãos. Eram enormes e em alguns lugares havia magníficos edifícios.

Josteen Gaarder no seu romance “O dia do Curinga” em que o pai cita tal fato ao filho Hans-Thomas observando que de certa maneira eles funcionavam, isto é, os velhos deuses dos gregos, romanos e egípcios faziam as curas e devido a isto, existiam.

Lembro do famoso oráculo de Delfos, cujos reis da Grécia frequentemente o consultavam. Li em algum lugar que os oráculos de Delfos previram que estavam chegando ao fim.

Há uma Sibila do Templo de Apolo em Delfos, que previu a guerra de Troia e previu a vinda de Jesus Cristo dizendo “nascerá um profeta de mãe virgem e será coroado de espinhos!”.

Pode parecer uma coincidência, mas quando nasceu Jesus Cristo, os templos não mais funcionaram, os oráculos morreram.

SERGIO EDUARDO PORT

ATUALMENTE: intervalo numa escola de ensino fundamental

ANTIGAMENTE: recreio em nossa querida escola primária

Sabemos muito bem que com o passar dos anos e com o progresso natural das coisas, mudanças são inevitáveis. Mas será que algumas delas não poderiam continuar a ser como eram? Ah! O nosso antigo recreio, que muitos desconhecem um dos sentidos dessa palavra, ou não se lembram, ou não fazem relação como sendo aquele espaço de tempo destinado às crianças (os alunos) para se divertirem e se alimentarem entre as aulas.

Bem, ali está o famoso e velho pátio de recreio daquela fiel escola de ensino fundamental, a nossa querida e tão amada, a antiga escola primária, que há muito tempo vem agasalhando com muito carinho, amor e dedicação nossas gerações, sem fazer distinção de etnia, classe social e poder.

Com uma pequena análise visual podemos ver as árvores frondosas e as flores que rodeiam todo o pátio, num sinal de afabilidade e amenidade. As cadeiras e bancos espalhados embaixo do arvoredado acolhem gentilmente as educadoras (mestras), que vieram relaxar e deixar os seus cansaços, fazendo com a maior lisura e ternura.

O sinal ou a sineta da escola anuncia o início do recreio, aonde as crianças (os alunos) vêm acompanhados de suas educadoras (mestras) para o pátio, sempre em fila e de mãos dadas com o colega de sala. Com autorização da diretora as crianças se dispersam, separando as meninas dos meninos.

A euforia e o alarido tomam conta de todo o grande espaço reservado à recreação, com muita alegria e diversão. Poucos são os alunos que ficam entretidos em conversas ou isolados, pois estão empenhados em brincadeiras; uns com a brincadeira do pique, outros correndo, outros pulam corda, outros brincam de roda, outros brincam de queimada e alguns jogam bola.

As educadoras (mestras) sempre atentas, olhando, vigiando e orientando os alunos mais afoitos e com muita energia. Os mais agitados têm suas faces coradas e levam em suas bocas o seu lanche. Outros sentados trocando lanches que trazem em suas lancheiras e também mostrando suas garrafinhas de suco, e outros com muita cautela comendo o quebra-queixo que comprou na porta da escola.

A alegria é contagiante em todas as partes do pátio, como se fosse uma resposta após a quietude da sala de aula, depois de terem assimilado todo o ensinamento dado pela querida educadora (mestra).

Após decorrido o tempo certo a sineta toca anunciando o término do recreio, com isso cala-se a algazarra, voltando o silêncio de antes. Então, os alunos ordenadamente agrupam-se em seus respectivos lugares e novamente de mãos dadas e em fila caminham para suas salas de aula, sempre acompanhados pela educadora (mestra), para recomeçarem os seus estudos; uns suados, outros ofegantes, outros com a roupa

um pouco amassada e outros com o empurrar do corpo ajeitam suas lancheiras.

Será utopia querer uma escola assim, onde todos os alunos se respeitem e também respeitem seus educadores, e quem sabe com um civismo maior, até poderiam cantar o Hino Nacional no início das aulas. Se isso não for possível, que pelo menos os alunos venham para a escola com uma vontade maior de aprender.



SILVIO RIBEIRO

A explosão de Guarulhos e as vias comunicação

O município de Guarulhos é um dos mais antigos do Brasil, somando neste ano corrente, 456 anos de existência, tendo sido considerado sua fundação no dia 8 de dezembro de 1560, pelo trabalho de um dos mais importantes jesuítas pertencentes à Ordem religiosa fundada por Inácio de Loyola em 1540, A Companhia de Jesus, que teve grande ação no Brasil Colônia, e que foram responsáveis por uma grande parte dos povoados, Vila e Cidades por todo o espaço brasileiro, enquanto tiveram ação na Colônia, pois como é de conhecimento histórico que devido à ação dos jesuítas nestas novas terras, segundo alegações da coroa, estavam desvirtuando o propósito de suas vindas ao novo mundo, desagradaram o governo português e espanhol, culminando com a expulsão total desse religiosos da terras controladas por essas duas nações da Península Ibérica.

Logo após ter chegado a terras guarulhenses, o padre Manuel de Paiva, jesuíta destemido, muito eficaz no trabalho, após se familiarizar com os indígenas locais, pertencentes à tribo dos Goitacazes que habitavam as redondezas do que é hoje Guarulhos, como primeira iniciativa construíram

uma singela ermida no altiplano do local escolhido, totalmente de madeira obtida no local, pois Guarulhos nesses tempos se configurava como uma extensa e cerrada região florestal, e junto um tipo de extensão em forma de barracão, para acomodar todos os forasteiros e demais ajudantes, servindo inclusive como dormitório e um canto para assistência aos necessitados de alguns cuidados e mesmo enfermos. Ao lado de fora da ermida ergueu-se uma alta cruz de madeira e para festejar e inaugurar o local considerado fundado de início de uma centralização populacional de índios que se submetesse ao convívio dos novos visitantes, tudo que ficou marcado através da primeira missa em terras guarulhenses e como de costume em homenagem ao santo do dia, que nessa oportunidade exatamente configurava-se Nossa Senhora da Conceição, dando-se assim, o primeiro e único nome para Guarulhos, ou seja, povoado de Nossa Senhora da Conceição, que doravante passaria a se chamar Nossa Senhora dos Guarulhos, tendo esse complemento, exclusiva relação com os indígenas aqui encontrados pelo Padre Manuel de Paiva, que foram apelidados pelos portugueses de “Índios Guaru” com os quais faziam uma referência a pequenos peixes de águas brasileiras, muito abundantes por aqui, que tinham pequena estatura e barrigudinhos e que se alimentavam seguidamente, pois esses indígenas eram de estatura baixa, barrigudos e comiam o dia inteiro.

A partir dessa data, passou-se datar a fundação de Guarulhos como 8 de dezembro de cada ano, ou seja, o dia da fundação do município.

O local de toda essa movimentação é atualmente ocupado exatamente pela histórica Catedral guarulhense, onde inclusive é considerado o “marco zero” de Guarulhos.

A primeira e única via de comunicação ou acesso às terras guarulhenses foi à época, o grande Rio Anhamby, assim conhecido pelos silvícolas, por habitarem suas margem e águas, uma grande quantidade de Anhumas, aves aquáticas de grande porte, de características e costumes próprios, rio esse atualmente conhecido com Rio Tietê, que corta todo o município de Guarulhos e grande parte do município da Capital de São Paulo e através da navegação desse rio, navegando sentido nordeste, os seja rio acima como se conhece de costume, a comitiva do Padre Manoel que havia partido do já Colégio de São Paulo, que fora fundado em 1554 navegou até as proximidades da construção da ermida, onde desembarcou na margem direita do Rio e alcançou o local da fundação.

Fora essa única via de comunicação com Guarulhos, não havia qualquer outro tipo de caminho que chegasse nestas terras guarulhenses.

Com o passar dos anos, o novo núcleo pouco se expandiu, limitando-se apenas aos arredores da ermida, com uma expansão reta, originando uma rua plana de uns seiscentos metros de extensão e pequenas moradias de ambos os lados e pequenos esboços de comércio de produtos obtidos nas redondezas e elementares oficinas de consertos e outras prestações de serviços, essa Rua pelos usos e costumes locais ficou conhecida por rua direita, hoje denominada Rua D. Pedro II e figurando com a área central do município de Guarulhos.

Durante aproximadamente trezentos anos após a fundação, Guarulhos configurava-se como apenas o núcleo central e local mais importante de todo o município, sem mais desenvoltura, exceto em locais mais distantes do pequeno centro, através de áreas distribuídas como sesmarias, destacando-se alguns como Bom Sucesso, São Miguel Paulista Penha de França, Juquery locais esses onde iniciaram alguns outros agrupamentos populacionais. Nesses tempos uma singela estrada, um simples caminho fora aberto desde a atual região entre Vila Maria e Vila Guilherme – SP, conhecida como Estrada da Conceição, caminho essa que ligava a Capital à Guarulhos, através da Estrada do Guapyra, Parque Edu Chaves chegando junto à empresa Philips do Brasil e encontrando-se com a atual Avenida Guarulhos. Com a construção da Rodovia Presidente Dutra, essa Estrada deixou de comunicar-se com Guarulhos, ficando interrompida no lado do Parque Edu Chaves.

No ano de 1915, por trabalho incansável do prefeito de Guarulhos, foi implantado uma extensão do Ramal do Guapyra, atual bairro do Jaçanã, do Tramway da Cantareira, um pequeno trem, para atender principalmente a região do atual bairro de Vila Galvão para transporte de produtos fabricados na importante Cerâmica instalada naquela parte de Guarulhos, e por também poder atender o transporte de produtos da agricultura do município, os trilhos foram esticados até as proximidades do núcleo principal do centro, onde fora implantado o terminal Guarulhos, atual Praça Pascoal Thomeu e es Praça Quartocentenário. Inicialmente somente para transporte de materiais, contudo com a expansão do núcleo, houve a necessidade de se adaptar carros de passageiros, pois

a Estrada de Ferro alcançava as proximidades do centro da Capital.

Antes do advento da Estrada de Ferro do Tramway, os produtos fabricados e ou criados em Guarulhos eram transportados para a Capital através de barcaças navegando pelo Rio Tietê, telhas, tijolos, para serem usados em importantes construções do centro da Capital e produtos da agricultura, para abastecer o mercado central da Capital, como principal fornecedor.

Uma parte da Estrada da Conceição dos Guarus, como era conhecida a atual Avenida Guarulhos, ligava o centro de Guarulhos ao atual Bairro da Penha, fazendo-se lembrar de que nesse tempo, da chegada da Estrada de Ferro, a região da Penha pertencia à Guarulhos, assim como o atual bairro de São Miguel Paulista e a região do Juquery, atual município de Mairiporã, os quais, posteriormente, foram desmembrados de Guarulhos, passando São Miguel e a Penha para a Capital e Juquery se tornando independente, formando o município de Mairiporã.

Nos tempos da chegada da Estrada de Ferro no município, Guarulhos tinha como autoridades municipais o Intendente, hoje Prefeito e a pequena Câmara Municipal e as decisões maiores de interesse do município eram tomadas pela Capital, pois Guarulhos não dispunha do poder Judiciário que apenas fora implantado em 1956, com a criação da Comarca Guarulhense.

A grande “Explosão” do município ocorreu a partir de 1951, coma inauguração da primeira pista da Rodovia Presidente Dutra, que por ser um grande e importante estrada de rodagem que atravessou toda a região de Guarulhos, no

sentido nordeste, e que liga São Paulo ao Rio de Janeiro, originando a implantação de grandes e importantes indústrias no entorno de Guarulhos, seguindo um grande projeto de abertura e incentivo fiscal às mesmas, cedidos pela Prefeitura Municipal. Na andança de toda essa movimentação, a especulação imobiliária expandiu-se assustadoramente, dando origem aos mais diversos e variados bairros da cidade.

Não muito diferente aconteceu com a inauguração da Rodovia Fernão Dias, BR-381, que passou a ligar São Paulo à Belo Horizonte em Mina Geral, que teve um trecho da sua primeira pista inaugurada pelo Presidente Juscelino Kubitschek em 1959 entre Belo Horizonte e Pouso Alegre, ainda nos limites de Minas Gerais e posteriormente toda pista completada e totalmente inaugurada em 1916 em terras paulista.

Em 1982, ainda por conta desse estupendo progresso por que passou Guarulhos, a partir dos anos cinquenta, foi criada e inaugurada em 1º de maio de 1982 a Rodovia dos Trabalhadores SP-70, depois mudado para Airton Senna, em homenagem ao grande ídolo brasileiro falecido instantaneamente em grave acidente quando disputava uma corrida automobilística.

Em consequência da implantação dessas grandes rodovias em terras guarulhense, o antigo trenzinho que serviu durante exatos cinquenta anos a Guarulhos, fora totalmente desativado em 31 de maio de 1965, deixando apenas na história sua grande serventia no tempo em que por aqui estivera. Nessa data Guarulhos apresentava uma população em torno de 150.000 habitantes.

Outra grande e importante via de comunicação de Guarulhos com o mundo e que completou a “grande explosão

guarulhense”, foi a implantação no bairro de Cumbica, do importante Aeroporto de São Paulo, André Franco Montoro.

Para completar esse pool de rodovias e empresas estão sendo construídos no município a complementação do Rodoanel que completara a ligação de Guarulhos e demais localidades da Grande São Paulo e, também, a extensão do trem/metrô que adentrara Guarulhos, ligando definitivamente Guarulhos a Capital e servindo o Aeroporto Internacional inaugurado em 1985.

Até 1915, quando da implantação da Estrada de Ferro Tramway da Cantareira, depois encampada pela Estrada de Ferro Sorocabana, Guarulhos não dispunha de indústrias de relevo para abrigar os trabalhadores e moradores do município, restringindo-se o trabalho em olarias e, principalmente, na área de agroprodutos. Com o advento do trem e até o advento das grandes indústrias, Guarulhos era considerada cidade dormitório, pois todo guarulhense trabalhava na Capital, vinda para a cidade apenas para dormir e para folgar nos sábados após as 12 horas e no domingo. Com a implantação das indústrias, a maioria das pessoas passou a trabalhar por aqui.

Na realidade, após ficar por mais de trezentos anos adormecida, a partir da metade dos anos cinquenta é que Guarulhos começou a se transformar totalmente, chegando à atualidade a configurar-se no segundo município de São Paulo, ficando atrás apenas da Capital, tanto em população, como em qualidade econômica.

Segundo dados do IBGE, a população guarulhense alcança atualmente em torno de 1.300.000 habitantes, em contra partida aos 7.000 habitantes quando da implantação em 1915 do saudoso Tramway da Cantareira.



TERESINHA SILVA MALTEZ DE SOUZA

Situação insólita

Eu trabalhava num escritório em São Paulo, quando fui convidada para acompanhar um advogado em uma audiência. Feliz com o convite aceitei de pronto. Dirigimo-nos para o Fórum Central. Durante o trajeto, meu colega de profissão, me colocou a par do acontecido: Nosso cliente seguia dirigindo por uma avenida quando, num farol para pedestres, surgiu um senhor que, sem esperar o farol lhe favorecer, tentou atravessar. O cliente frenou o veículo, mas, não o suficiente e, em consequência, encostou no senhor que, em câmara lenta, foi ao chão. Imediatamente se propôs prestar-lhe socorro. O homem se levantou e agradeceu dizendo: Não aconteceu nada, eu fui o culpado do ocorrido. Estou bem, não me machuquei. Bateu as mãos na roupa e disse: não se preocupe, estou bem mesmo. Neste momento apareceu um guarda de trânsito, não se sabe de onde, perguntando: o senhor está bem. O senhor respondeu: sim, já disse, estou bem. O guarda então falou para o nosso cliente: não se preocupe, ele está bem, não aconteceu nada. Mais calmo nosso cliente disse então: aqui está o meu cartão com os meus dados, caso precisem e só avisar. Não passou muito tempo e logo che-

gou à surpresa em forma de citação para responder processo. Na sala de audiências, mais uma surpresa, presente, além do atropelado, o guarda que mandou o nosso cliente ir embora, como testemunha do ocorrido. E o pobre homem atropelado apresentou contas de toda sorte, tais como: Óculos quebrados e o custo do conserto; prescrição de fisioterapia nas pernas em decorrência do tombo; algumas receitas e respectivas notas fiscais, enfim, todos os problemas que o senhor havia acumulado ao longo dos anos, foram parar neste processo. O nosso cliente então perguntou: o que fazemos? Ao que respondi: faça uma proposta de acordo para pagamento parcelado por danos causados à suposta vítima ou, remova durante anos um processo que, ao final, certamente terá que sucumbir.

Ela

ELA acordou, olhou para os lados e não reconheceu o espaço em que se encontrava.

Estranho, lembrava-se perfeitamente da noite anterior. A corrida para a casa, o banho tomado demoradamente, o cuidado com que escolhera a roupa que iria usar, o sapato trocado na última hora, o perfume de notas doces, próprio para aquele encontro que se aproximava.

O que aconteceu após? ELA não sabia precisar. Até borrifar o perfume, tudo nítido, depois, o que aconteceu? Não se lembrava.

Começou a elencar os acontecimentos na tentativa de rememorar os afazeres daquele dia estafante.

Acordou cedo.

Para exercitar-se, como sempre fazia, caminhou por mais ou menos uma hora. Na volta prá casa, passou na padaria para apanhar o pão fresquinho, pois, era a única refeição do dia que fazia na companhia de sua filha.

Chegou a casa.

A filha ainda dormia. Ligou a cafeteira e foi acordar a dorminhoca.

Tomou um banho rápido, trocou-se e se sentou à mesa. Mãe e filha, durante o café, trocaram informações sobre como correu o dia anterior, para cada uma, uma vez que, já há muito tempo era o único horário em que conseguiam conversar. Saíram juntas de casa, cada qual para um destino diferente da cidade.

Nada aconteceu de extraordinário. Chegou ao trabalho onde exercia a função de telefonista. Trabalhou por seis horas consecutivas até que, num dos atendimentos reconheceu aquela voz maviosa, voz que a fazia lembrar-se da adolescência. De momentos felizes passados na companhia dele, que foi seu grande amor.

Seria ELE? Como a teria encontrado? Fazia tanto tempo que não conversavam. Da última vez que haviam se encontrado a noite não terminara bem e, em comum acordo, decidiram que seria a última. Não valia a pena continuar investindo num relacionamento onde cada um caminhava para lados opostos. Não tinham mais sonhos comuns. Melhor seria esquecer. Deixar o caminho livre para, talvez, permitir um novo relacionamento.

Mas, o destino prega peças e, neste caso, foi por acaso que ele ligou atrás de informações. Não sabia que do outro

lado da linha estava ELA, pessoa tão querida e que ele nunca esqueceu.

ELE não reconheceu a voz dela, mas, ELA, sim, reconheceu a voz dele, pois, jamais a esqueceu.

ELA não conseguiu dissimular a voz e perguntou: é você? Ele respondeu sim, sou eu. Trocaram rápidas palavras e chegaram a conclusão que deveriam se encontrar para matar a saudade e saber algo mais um do outro, reviver o passado.

A partir deste telefonema a tarde passou mais devagar. Ela, ansiosa, não conseguia tirar os olhos do relógio, contava os minutos para o encontro tão esperado.

Enfim, chegou a hora da saída do trabalho, correu para casa, tomou o banho, escolheu a roupa e o perfume. E aí? Meu Deus, o que ocorreu após? Ela não consegue lembrar-se, sequer, como saiu de casa. E ELE, onde estaria? Teria se encontrado com ELA?

Preocupada, mas, sem ter o que fazer, aguardou algum tempo para ver se alguém aparecia. Não sabe quanto durou a espera até ouvir barulho de eletrodoméstico funcionando. Aguçou mais os ouvidos e percebeu que realmente havia algum motor ligado. Chegou próximo a porta e escutou vozes! Sim, eram vozes. Feminina e masculina! Surpresa e ainda mais preocupada não sabia que atitude tomar, se saía ou não do quarto em que se encontrava.

De repente a porta se abre e ELE, o grande amor de sua vida, adentra os aposentos com uma bandeja nas mãos contendo suco, café, torradas e frutas. Surpresa total. Então ela havia se encontrado com ELE. Mas, para ela, o mistério continuava, já que não se lembrava de alguns acontecimentos do dia anterior.

Perguntado, ele respondeu: Peguei-a no horário combinado. Fomos ao cinema assistir ao filme “Confia em mim”, protagonizado por um ator da atualidade. Jantamos numa Cantina Italiana, onde tomamos um vinho tinto. Saímos do restaurante às 23 horas. Caminhamos um quarteirão até o estacionamento. Apanhamos o carro e seguimos para a minha casa. Aqui chegando fomos surpreendidos por meliantes que nos fizeram reféns. Após o roubo, você ficou transtornada a ponto de eu ter que levá-la ao pronto socorro onde foi atendida por um médico de plantão que, após exame meticoloso, deu o seguinte diagnóstico: Você sofreu uma Amnésia psicogênica. Traduzindo: é uma amnésia temporária e ocorre devido a traumas psicológicos. Pode ser tanto anterógrada como retrógrada. Raramente há a perda permanente de trechos de sua vida. A memória voltará aos poucos, é só repousar e ter de paciência. O tempo é senhor de tudo.

Este evento em si não seria suficiente para esta ocorrência, mas, juntado a emoção do dia com o encontro amoroso que se avizinhava, mais a ocorrência nefasta do assalto, foram suficientes para o desencadeamento do esquecimento.

Enquanto ELE discorria sobre os acontecimentos, Ela, muito quieta, prestava atenção.

Devagar, como se estivesse assistindo a um filme lembrou-se de tudo. Agradeceu a Deus por ter sobrevivido àquela situação que poderia ter sido catastrófica e por poder contar esta história.

ELE arrematou dizendo: O que importa é que sua memória voltou e tudo acabou bem, sem mortos nem feridos e, portanto, não percamos tempo, vamos viver intensamente a

nossa vida sem deixar que nada e nem ninguém nunca mais
nos separe.

Amo você!

PARTE II

Elogio Fúnebre



NELSON NATALINO

José Roberto Jerônimo

Dramaturgo, diretor, escritor, poeta, compositor, ativista cultural, integrante do grupo de escritores LÊ Guarulhos, um dos criadores do evento Tragos & Papos em Verso & Prosa, responsável pelas produções teatrais da Keep Going Produções Artísticas e pela direção e roteiros de programas exibidos pela ITV - Victorville - CA - USA e membro da Academia Guarulhense de Letras.

Nascido em São Paulo, no dia 13 de junho de 1953, começou a escrever poesia aos onze anos de idade, aos treze já compunha letras de música, aos dezessete fez curso de teatro. Veio para Guarulhos em 1980, para ficar apenas dois anos, mas apaixonou-se pela cidade e aqui constituiu família, permaneceu e desenvolveu sua história no teatro e na literatura.

Escreveu, produziu e dirigiu os espetáculos “Tutti Buona Gente” (comédia - 2003), “O Sinaleiro Amarelo - Uma Fotonovela Teatral” (comédia - 2004), “Vidas Secas” (adaptação) e “A Estória de João de Maria” (drama - 2009). Dirigiu “A Vida é Uma Piada”. Premiado, em 2005, no “Projeto Palavra em Prisma – Dramaturgia”, da Secretaria de Cultura de

Guarulhos, com “Tutti Buona Gente” e “A Estória de João de Maria”. Também escreveu as peças “A Farsa de Tibúrcio Malta - Um brasileiro na corte lusitana” (comédia - 2004), “Rapunzel” (infantil, comédia - 2006) e “No Cárcere do Silêncio - Parafraçando Vieira” (drama - 2009).

Escreveu os livros “Confidências de um João de Barro” (poesias - 1988), “O Sinaleiro Amarelo” (contos e crônicas - 1999), “O Filho da Puta” (contos e crônicas - 2011), “As Canções que Fiz para Você” (poesia - 2012), “Vida Alves - Sem Medo de Viver” (livro biográfico da atriz que deu o primeiro beijo na televisão brasileira - para a coleção Aplauso - Perfil - editado pela Imprensa Oficial em 2013) e “Amores de Sangue” (romance - 2015).

Idealizador, organizador e coautor do livro “Blog de Papel”, em 2004, pela Editora Gênese e participou de três livros de antologias de autores guarulhenses, dentro do “Projeto Palavra em Prisma”, sendo dois de contos e crônicas (2005 e 2008) e um de dramaturgia (2006), editados pela Secretaria de Cultura de Guarulhos.

Autor de roteiros para cinema, um curta e dois longas, entre eles o “Primeiro Beijo”, que conta a trajetória de Vida Alves, e de vídeo-clipes, minisséries, vídeos de treinamento, eventos (como os shows de 53 e 54 anos da TV brasileira e do Prêmio Irmãos Villas Bôas - Humanitas, ambos pela PROTV) e de programas de TV (roteiros e direção).

Foi Diretor Cultural da Pro-TV Associação dos Pioneiros e Profissionais da Televisão Brasileira (www.museudatv.com.br) no período de 2003 a 2014.

Nos últimos dois anos atuou no “Sarau da Academia”, uma realização da Academia Guarulhense de Letras, como

produtor, coordenador, fotógrafo, recitador, e às vezes apresentador, com o objetivo de promover nas escolas o hábito da leitura, a iniciativa para a escrita, além de divulgar a literatura guarulhense e seus autores.

A sua consciência para o trabalho de incentivo à leitura era clara. O seu empenho para a divulgação da literatura da cidade era exemplar. E sua parceria com os colegas e confrades na realização dos eventos e atividades culturais era digna.

Em dezembro de 2015 concedeu uma entrevista ao programa Ponto de Vista, da TV Câmara, de Guarulhos. Para relembrar: https://youtu.be/TqAKkZqF7_I

Despediu-se de nós em 25 de setembro de 2016, mas será sempre uma referência de postura, de atitudes e de serviço para os que com ele conviveram. Será sempre uma personalidade na cultura de nossa cidade a quem devemos devotar a melhor lembrança e eterna gratidão. Será sempre uma razão de boa leitura e de boa assistência às suas peças, em toda parte.

O Natalino tinha uma forma própria de terminar as mensagens escritas aos amigos.

Era bem assim: “Baitabraço!”



PARTE III

Complementação do
Livro Histórico



Complementação da história da Academia Guarulhense de Letras: de agosto de 2015 a julho de 2016

Mauro dos Santos Oliveira
Teresinha Silva Maltez de Souza

É vida que segue. Como um rio que se projeta pelo ventre da terra com perenidade, a Academia Guarulhense de Letras finca os seus esteios na terra que representa, através da insana luta de seus devotados membros, sempre protegendo o vernáculo e cuidando com esmero da boa aplicação da língua pátria. Em obediência aos seus estatutos, mensalmente a turma se reúne na sede da agremiação, promovendo um encontro festivo e reencontro afetivo, considerando que cada escritor cuida do cumprimento de seu mister e aproveita daqueles momentos para reavivar a amizade, consagrar a união e discorrer sobre a movimentação literária reinante na terra. Sob a batuta do presidente Ary Baddini Tavares iniciam-se os trabalhos pautados adremente e ordenados pela Secretária Teresinha que os exhibe aos pares. Os assuntos expostos para debates são diversificados e todos correlatos com a vida

acadêmica. Anunciados, um a um, provocam manifestações acaloradas, sendo as mais veementes, verbalizadas do púlpito, tribuna que permite oralidade emotiva e jactante, gerando, vez em quando, réplicas, tréplicas e retumbantes agravos e desagravos. Todas as discórdias, os apartes, os pitacos, as construções e possíveis querelas ali saboreados, são emoções vivenciadas por uma privilegiada casta composta de detentores da imortalidade que, ao final de cada reunião, registram em suas agendas a data da próxima, para poder rever aqueles abnegados que não se cansam de produzir literatura. Feitas estas explanações, convido o amante das letras que nos honra com a sua atenção, a conhecer um pouco mais da existência do nosso Sodalício.

O assunto que norteou este encontro trouxe à baila um problema que muito preocupa a diretoria da nossa instituição, a obrigatoriedade, por força estatutária, do comparecimento dos membros nas reuniões ordinárias e extraordinárias. Dos 40 membros efetivos que contemplam o universo acadêmico, considerando as ausências por doença e/ou motivo de força maior, normalmente o quórum se restringe a 50% efetividade. Ao contrário daqueles que afrontam a legalidade com seus desaparecimentos, o Confrade José Roberto Machado reconheceu o conflito e para não prender a cadeira que lhe foi conferida, solicitou modificação na comenda para livrar o assento, permitindo a ocupação por escritor com plena disponibilidade de empenho. Noutra seara, o Mestre Bismael, acadêmico por excelência, noticiou progresso na sua trajetória de escritor, bem como lançamento de mais uma obra para integrar o seu vasto cabedal de produção literária. Ainda, em tempo de colheita abundante, o maior poeta gua-

rulhense, Confrade Castelo Hansen lança mais um livro para gáudio de seus fieis seguidores. Vide registros da ata.

Em 25/8/15 – O presidente Ary Baddini abriu os trabalhos cumprimentando os pares, solicitando a secretária Teresinha a leitura da ata e em seguida anunciou os aniversariantes do mês. O presidente leu missiva enviada pelo Confrade José Roberto Machado revelando a impossibilidade de comparecer aos encontros dos pares, solicitando a sua transferência para a condição de acadêmico remido. Após prós e contras a Turma decidiu pelo deferimento do pleito, instituindo, assim, o primeiro Acadêmico Efetivo Remido.

- O Confrade Bismael informou aos pares que participou do 1º Seminário Literário, entre os dias 17 e 21 de agosto do mês andante na sede da Academia de Ciências, Letras e Artes dos Delegados de Polícia de São Paulo. Comunicou, ainda, que no dia 17 de setembro promoverá o lançamento de uma obra intitulada “Orelhas e Prefácios (Uma breve trajetória)”.

- O acadêmico Castelo Hanssen convidou os pares para o lançamento de seu mais novo livro intitulado “Epicordel de Meianove”, no dia 5 de setembro.

A solidariedade impera no meio acadêmico e, desta feita, a corrente de benignidade voltou-se para a Confreira Antonia que adoeceu, mas, já se restabeleceu e juntou-se a nós nesta empreitada. Neste capítulo, nota-se cristalinamente, o reconhecimento de um par para com o seu igual, quando o Confrade Espedito demonstra respeitabilidade e enaltece o Mestre Bismael por feito notável em prol da cultura. A boa *performance* da AGL traduz-se pelo envolvimento e entrega

de seus componentes, obrigando a frequência maciça nos encontros mensais, lembrou o Confrade Silvio Ribeiro. A mesa apreciou o resultado do evento “III FLEG” apresentado pelo Acadêmico Bosco. Como sempre, o evento foi exitoso e contou com a participação de vários Confrades que brindaram alguns vultos da sociedade guarulhense com a Medalha Mérito Cultural João Ranali. Durante as comemorações, foi instituído o dia do Escritor Guarulhense a ser comemorado todo dia 21 de setembro dos anos vindouros. A colheita literária é farta e já se anuncia o nascimento da Revista da Academia referente ao ano de 2015. Observe o próximo andamento.

Em 29/9/15 - Ante a ausência temporária do presidente, o vice José Augusto abriu os trabalhos solicitando a leitura da ata pela secretária Teresinha e assinada por todos.

- A confrreira Antonia manifestou desejo de celebrar a vida, pois, foi vítima de síncope inesperada, em sua residência, sendo atendida de pronto por seu filho, evitando, assim, que mal maior lhe ocorresse.

- O escritor Espedito enalteceu o mestre Bismael, classificando como excelente a obra escrita pelo confrade, lembrando a sua trajetória: Guarda Civil, Delegado de Polícia e Presidente da Associação dos Delegados de São Paulo.

- O confrade Silvio lembrou que a sobrevivência da AGL depende de seus membros, o que obriga o comparecimento e a participação dos pares nas reuniões e eventos literários.

- O acadêmico Bosco apresentou breve relato sobre a III FLEG. Agradeceu aos confrades e confreriras que desempenharam papel relevante no quadríduo literário. Deu ênfase ao

programa “Andalivros”, que distribuiu perto de uma centena de obras. O evento contou, ainda, com um varal de poesias, providência muito bem apresentada pela congreira Isabel Borazanian. Foram homenageados com a Medalha Mérito Cultural João Ranali, durante este evento, a senhora Vera Novo, proprietária do Espaço Novo Mundo e o Secretário de Cultura Edmilson Souza Santos.

- O dia 21 de setembro de 2015 foi consagrado como o Dia do Escritor Guarulhense, em homenagem aos eméritos literatos que se incumbem de disseminar a literatura em nosso Município.

- O escritor André fez um apanhado sobre a Revista de 2015 quanto ao orçamento, mais ou menos 270 páginas. Cada autor revisará o seu texto. A cor da capa foi escolhida pelos membros presentes e será predominantemente azul.

A reunião da qual falo agora se traduz pela auspiciosidade. Demonstra a capacidade de uma dedicada Congreira que representou o nosso Sodalício noutra Academia, hipotecando penhor do seu conhecimento e lustro. Também, denota-se a preocupação do emérito escritor em difundir entre os pares o mundo violento a que a sociedade está submetida. Violência da marginalidade e violência policial, obrigando o cidadão a escolher entre: fugir da cruz ou da espada. Agrada-nos muito salientar o empenho e dedicação do Confrade Clovis Domingues nas acusações acadêmicas. Procurou o caminho das pedras e depois de incansável trabalho, através dos canais competentes, conseguiu verba da Secretaria de Cultura para patrocinar a edição da Revista Anual da AGL. Esforço hercúleo e digno de respeito e agradecimento dos

escritores participantes deste fragmento literário. Resta tecer elogios aos Acadêmicos que chamam para si a responsabilidade de difundir o nome da nossa Agremiação no seio da municipalidade, através de apresentações diversas em escolas e pontos de cultura da nossa cidade. Com muita propriedade interagem com alunos e professores, fazendo fluir a cultura e impingindo o gosto pela arte de representar, ler, falar a ponto de sentirem orgulho pela nobre apresentação que lhes fortifica como cidadãos.

Em 20/10/15 – O presidente iniciou a reunião cumprimentando os pares e determinando a leitura da ata a cargo do confrade Augusto em face de impossibilidade temporária da confrreira Teresinha.

- O acadêmico Augusto leu um texto referente à homenagem prestada para a confrreira Jane Rossi, realizada pela Academia Brasileira de Belas Artes.

- O mestre Bismael exibiu aos pares manifestação sobre “Violência Policial” publicada no Jornal Folha de São Paulo, lembrou, ainda, a importância da prevenção como forma de inibir a criminalidade.

- O presidente do Conselho Fiscal, Clovis Domingues, discorreu sobre a edição da Revista 2015 informando que está à frente das tratativas para conseguir verba junto à Secretaria de Cultura, avaliando que a possibilidade de sucesso nesta conquista é muito grande.

- O confrade Jerônimo agradeceu os elogios feitos pelo mestre Bismael que esteve presente no evento realizado no Colégio Érico Veríssimo. Sobre a realização dos próximos saraus, esclareceu que no dia 6 de novembro o palco será o

CEU Jardim Presidente Dutra e, no dia 4 de dezembro, nas dependências da Biblioteca Monteiro Lobato, onde ocorrerá o encontro em homenagem ao saudoso confrade José Manuel Mateos Martinez.

É hora de falar sobre a Academia Cidadã. Enquanto se reúne mensalmente, não se enclausura nem esconde seus escritores, contrário senso, os expõe para tantos quantos lhes procuram para falar sobre: conhecimento, cultura, saber, escolaridade, escritores, livros, romances, poesias, etc. Abre as suas asas sobre Universidades, Faculdades, Escolas, Teatros, Pontos de Cultura e onde mais se pretender falar sobre literatura. Hoje, na contra mão das proposituras a que se destina, o Sodalício se ufana em receber a visita de um profissional do direito que acumula as funções de professor universitário e advogado militante na área criminal. Vem nos visitar na qualidade de Presidente da 57ª Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil, o Dr. Alexandre de Sá Domingues. A reunião teve contornos de muita emoção, considerando que quem recepcionou o Dr. Alexandre foi o seu genitor, Acadêmico Clovis Domingues, atual Presidente do Conselho Fiscal que, fazendo as honras da casa, elogiou o causídico, recebendo em troca gratidão, respeito e orgulho do visitante. O ato social serviu para fortalecer ainda mais os liames entre as duas instituições que militam em prol dos cidadãos guarulhenses. A educação, a gentileza, o respeito e a solidariedade são atributos sempre presentes na personalidade do empresário, líder comunitário e Acadêmico Efetivo Clovis Domingues. Faço esta observação para mostrar a preocupação que este senhor tem em face de seus pares, pois, assumiu a tribuna para propor homenagens para dois Confrades, sugerindo-

-lhes a comenda Mérito Cultural João Ranali, sendo referendado por todos. Honra-me tratar deste assunto, enaltecer escritora que difere dos demais, senão vejamos: Antonia Vaz não se contenta em somente escrever um livro. Cria a ideia, concatena os fatos, imagina a arte e, pronto, lá se vai o embrião seguido de páginas e páginas concluídas com palavras meticulosamente escolhidas para formar as frases. Fato corriqueiro no meio acadêmico, porém, Antonia agora inovou, convidou escritores amigos para falar sobre o assunto que compõe a sua obra e, cada participação também vai ilustrar o seu livro. Recebeu acolhida de um bom número de participantes. Vamos aguardar os acontecimentos. Repare no seguimento dos assuntos pautados.

Em 24/11/15 – O presidente Ary Baddini abriu os trabalhos cumprimentando os pares, solicitando a secretária Teresinha a leitura da ata e em seguida discorreu sobre o candidato ao posto de acadêmico correspondente, indicado pela confeitira Jane Rossi, sendo que a consagração ocorrerá na próxima reunião.

- O presidente comunicou aos presentes que o Dr. Alexandre de Sá Domingues, filho do confrade Clovis Domingues, foi eleito por estrondosa maioria de votos para comandar a 57ª Subseção da OAB/SP- Guarulhos.

- O presidente do Conselho e pai do Dr. Alexandre agradeceu a todos pelas referências e elogios e em seguida assumiu a tribuna para reconhecer vultos Guarulhenses que se empenham e lutam pelo bom emprego das letras, traçando um pequeno histórico sobre a Medalha do Mérito Cultural João Ranali que o Sodalício outorga desde o ano de 2014,

indicando, como merecedores deste reconhecimento, os confrades Armando Attilio Colacioppo Sobrinho e Bismael Batista de Moraes. Por unanimidade a Turma referendou a moção.

- A confrreira Antonia informou aos pares que está escrevendo um livro intitulado “As Mortes de Ana Luiza”, solicitando aos pares que participem voluntariamente, querendo, respondendo em breves linhas a pergunta: O que você acha da vida, o que pensa da vida, da morte e da pós-morte. Enfatizou tratar-se de um trabalho não científico e fundamentado nas lembranças infantis.

Para coroar o ano que se encerra, cujos trabalhos, sobre as atividades acadêmicas foram delineados durante as onze reuniões ordinárias, como d’antes, é chegada a hora da confraternização. A Confraria convida os escritores e seus familiares, amigos das letras, bem como aos munícipes que prestigiam a palavra escrita ou falada, para o conagraçamento anual, recebendo-os em alto estilo, anunciando o encerramento de um ano com farta colheita cultural e renovando votos de constante entrosamento durante o ano que se avizinha. A comissão do evento promove o encontro no Anfiteatro da tradicional FIG-UNIMESP, gentilmente cedida por sua mantenedoria, realçando, também, a comemoração do 37º aniversário da AGL com o tradicional lançamento da sua Revista Anual, distribuída aos partícipes, graciosamente, como lembrança e respeito ao prestígio e apoio dispensados. Durante os festejos, cumpridos os compromissos cívicos e de entretenimento, foram prestadas homenagens a literatos de efetivo reconhecimento cultural que receberam consagração da maior láurea acadêmica da nossa instituição, bem como, a

aquisição de um membro correspondente com livre trânsito na cultura paulistana. Registro, ainda, momento de grande emoção revelado pela família do Acadêmico Martinez, falecido recentemente e que deixou grande legado cultural, já consolidado nas letras guarulhenses. Constate as assertivas nas notas aqui registradas.

Em 11/12/15 – Reunião ordinária realizada no Anfiteatro Abílio Baeta Neves no Campus das Fig-Unimesp – Sala Dr. Laerte Romualdo de Souza - em comemoração ao 37º aniversário de fundação do Sodalício e encerramento dos trabalhos acadêmicos do ano.

- Às 20 horas, o mestre de cerimônias Mauro dos Santos Oliveira convidou o presidente Ary Baddini para compor a mesa de trabalhos e, a seu convite, ladearam-no os acadêmicos: Teresinha, Clovis, Colacioppo, Augusto, Isabel, Silvio, Bismael, além do acadêmico honorário Edmilson Souza Santos, MD Secretário de Cultura do Município de Guarulhos.

- Após a saudação ao público presente foram entoados os hinos Nacional e de Guarulhos com perfeito acompanhamento do Maestro Colacioppo.

- O orador, Clovis Domingues, discorreu sobre a história da Academia, iniciando com seus fundadores, falando dos seus verdadeiros propósitos, perpassando pela representatividade do Sodalício e compromissos com a literatura regional, para culminar com as honrarias destinadas aos cultuadores das letras. Lembrou a instituição de uma Medalha de Mérito Cultural João Ranali, láurea, que no evento em pauta, recebem a condecoração os confrades: Bismael Batista de Moraes e Armando Attilio Colacioppo Sobrinho, desta-

cando as décadas em que os laureados trabalham em prol da cultura de Guarulhos.

- A entrega da insígnia, composta de diploma e medalha, foi precedida por leitura proferida pela secretária Teresinha acerca dos predicados dos homenageados que, após o recebimento, se manifestaram emocionados sobre o reconhecimento festivo dos pares.

- O senhor José Aparecido Araujo pleiteou o cargo de acadêmico correspondente. Para tanto apresentou vasta obra literária e comprovou livre trânsito nas letras paulistanas, sendo referendado pela confrreira Jane Rossi e aceito pelo Colegiado. Recebeu das mãos do presidente Ary Baddini o Diploma de Acadêmico Correspondente, passando, doravante, a compor o quadro da Academia Guarulhense de Letras.

- O mestre de cerimônias, Mauro, foi alertado pelo confrade Jerônimo acerca de um objeto que trazia nas mãos e que recebera da senhora Hermínia Martinez. Percebeu tratar-se de uma caixa revestida com veludo preto contendo uma placa de aço gravada com dizeres de agradecimento ao Sodalício, em face da homenagem prestada à família Martinez pelo recente falecimento do seu patriarca, confrade José Manuel Mateos Martinez. A referida homenagem foi realizada no dia 4/12 na Biblioteca Monteiro Lobato.

- O presidente Ary Baddini identificou os acadêmicos efetivos presentes nominando-os e anunciou o lançamento da Revista da Academia 2015, ofertando um exemplar a cada um dos presentes e, agradecendo, fez o convite para recepção na galeria ao lado do Anfiteatro.

Novos e bons tempos que se anunciam. O ano se apresenta como promissor na área cultural, pois, há indícios fortes

de que o poder público trará para o Município o tradicional “Salão do Livro”, evento que agita o cenário cultural da cidade e conta com participação efetiva do Sodalício. O primeiro encontro acadêmico, ainda sob os influxos da solidariedade e do amor demonstrados em épocas natalinas, desenrola-se de forma amena e pautado por maior cordialidade, sem debates e coroado por lembranças de regozijos vividos no ambiente familiar. A solicitude deu o tom nos trabalhos e a grandeza do momento enlevou a solenidade, dando-lhe ares de muita pompa. Num ato de muita nobreza, o Mestre Ary Baddini delegou poderes ao Magnífico Presidente do Conselho Deliberativo, Clovis Domingues para fazer às vezes de cicerone da autoridade que, hoje, veio nos visitar. Emérito orador, o Acadêmico vetusto, elegantemente trajado dirigiu-se à tribuna e iniciou a prefação daquele a quem deveria fazer a corte. Iniciou a fala e aos poucos foi sendo envolvido pela emoção e após revelar a honradez recebida pela deferência do convite, enumerou um a um os atributos profissionais do visitante, dentre os quais, o de professor universitário, proeminente advogado criminal e atual Presidente da 57ª Subseção da Ordem dos Advogados do Estado de São Paulo – Guarulhos. Chamou-o pelo nome: Dr. Alexandre de Sá Domingues, discorrendo, agora, pelos dotes que mais conhece, ou seja: os atributos sentimentais, dentre eles, o de primogênito, o de amigo, o de inseparável companheiro, o de pai de seus netos, para culminar com o adjetivo de “grande homem” que muito lhe tem orgulhado, cognominado-o como um benfazejo construtor social. Presos pela oratória eloqüente e comovida do escritor renomado, seus pares testemunharam o convite do pai para que o filho lhe sucedesse na tribuna, num ges-

to carinhoso, como que querendo insinuar: “siga os meus passos, pois, já não lhe faço sombra, visto que és um De Sá Domingues. A experiência deu lugar à jovialidade do combativo advogado que ascendeu ao posto mor da advocacia guarulhense . O Dr. Alexandre agradeceu ao genitor a honra de ser seu filho e o orgulho de conhecer amiúde a pujança do cabedal cultural que envolve a respeitável obra assinada por Clovis Domingues. Saudou os Acadêmicos e confirmou que vai estreitar cada vez mais os laços de relacionamento entre a OAB/SP e a AGL, buscando facilitar o acesso dos munícipes à Justiça e colaborando para o engrandecimento cultural do nosso povo. Observe as próximas notas.

Em 26/1/16 – O presidente abriu os trabalhos cumprimentando os pares e solicitando a leitura da ata sobre o evento de dezembro, pela secretária Teresinha que, lida, foi aprovada e assinada pelos presentes.

- Ante a chegada de um visitante, o presidente Ary delegou ao acadêmico Clovis as honras e a apresentação do convidado, Dr. Alexandre de Sá Domingues, seu filho e amigo desta Casa. Clovis falou da alegria do momento, pois, além de acolher um dos seus, acolhia também, em nome da confraria o presidente em exercício da OAB/Guarulhos. Após os aplausos, o advogado e professor universitário eleito para a presidência da 57ª Subseção de Guarulhos, procedeu uma breve explanação sobre a sua gestão naquele comando. Discorreu sobre a relação entre a OAB/SP e a sociedade. Registrou a importância da AGL, conclamando seus pares para uma proximidade maior com o órgão que preside, unindo forças para um trabalho conjunto. O Dr. Alexandre foi tam-

bém, objeto de elogios por parte dos Confrades que conhecem, há muito tempo, a trajetória vitoriosa, a honradez e o profissionalismo que tem pautado a sua vida acadêmica. Alexandre agradeceu a acolhida do velho pai, tornando público o orgulho, o respeito e o amor que nutre por ele.

- O acadêmico Mauro ressaltou a altivez, a propriedade e a pujança do jovem criminalista e a confrreira Antonia teceu elogios, reverenciando o Dr. Alexandre agradecendo ao seu genitor Clóvis pela criação e educação ministradas ao seu primogênito.

- O presidente visitante agradeceu a acolhida, pediu licença e retirou-se para outros afazeres.

A solidariedade norteia a nossa Confraria. Os problemas, que não são poucos, são debelados à custa do empenho daqueles que são fieis à causa abraçada, porém, em contrapartida, as virtudes dos imortais são notadas e reconhecidas de pronto e a recompensa não tarda a chegar. A paga pela dedicação, pelo cuidado, pelo zelo e pela entrega, vem, sempre, com contornos culturais e, desta feita, o reconhecimento foi lembrado pelo Acadêmico Mauro em face do incansável Confrade Clovis Domingues e referendado por todos, de forma unânime. A Medalha de Mérito Cultural João Ranali brilhara merecidamente, no peito de mais um soldado que milita, diuturnamente, em prol do saber e da cultura brasileira.

Em 23/2/16 – O presidente Ary abriu os trabalhos cumprimentando os pares e determinando a leitura da ata do mês anterior, o que foi feito pelo confrade Augusto, sendo aprovada e assinada por todos.

- O primeiro secretário Mauro pediu vênia para esclarecer aos pares que o confrade Clovis Domingues foi acometido de problema de saúde, o que justifica a sua ausência nesta reunião. Lembrou que Clovis, em passado recente exerceu a presidência do Sodalício de forma magnífica, demonstrando capacidade, zelo, disposição e empenho na condução da causa acadêmica. Como presidente do Conselho Deliberativo, continua ativo e sempre disposto a solucionar os problemas, resolvendo-os a contento. Por todos estes atributos e pela forma esmerada que o referido acadêmico se dedica à nossa Agremiação, Mauro requereu ao presidente da mesa a concessão da láurea “Medalha de Mérito Cultural João Ranali” ao laborioso Clovis Domingues. Submetida a sugestão aos pares, obteve unanimidade no pleito. Neste encontro de muita luz e esperança, foram lembrados escritores brasileiros de alto coturno. Foram mencionados os nomes de Castro Alves, conhecido, também por “Príncipe Negro” autor da obra “Navio Negreiro” e Pedro Dias Gonçalves, poeta da terra que emprestou o seu nome ao teatro que fica no anexo da Biblioteca Monteiro Lobato. Ainda, no mesmo tema, foram lembrados os concorridos saraus solenemente apresentados pelos membros do nosso Sodalício. Observe as notas seguintes.

- O confrade Bosco discorreu sobre o evento “Castro Alves” determinando os dias 11, 12, 13 e 14 de março, na forma e nos locais, habitualmente, levados a efeito nos anos anteriores.

- O acadêmico Jerônimo discorreu sobre a disponibilidade dos pares para trabalharem no evento “Castro Alves”, fazendo explanação do programa a ser cumprido.

- Disse mais, o acadêmico Jerônimo, sobre o movimento “Saraus” nas Escolas do Município, cujo objetivo maior é desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita, atingindo de forma pessoal o alunato.

- O confrade Jacques se responsabilizou em criar um grupo denominado “AGL”, para congregar a turma, eletronicamente.

- O acadêmico Silvio apresentou um texto de “Pedro Dias Gonçalves”, escritor, poeta, além de ator e tendo representado peças teatrais com a confreira Isabel Borazanian. Emprestou seu nome para o anfiteatro instalado no anexo da Biblioteca Monteiro Lobato.

Quando a Academia se reúne ordinariamente, congrega seus membros para cultuar o saber e o conhecimento e o faz, provocando as suas manifestações sobre o tema. Debate-se na mesa rodeada por escritores, sobre a vida do Sodalício, sobre as obrigações de informar a população as nossas idéias lançadas em livros ou faladas em eventos, na esperança de que, a cada imposição de cultura alertamos alguém para o fato de que, conhecer, se interessar e exercer a sabedoria, se não for a única, será a melhor forma de prosperar e atingir a sociedade em que todos têm o direito garantido e igualitário. A visibilidade gerada pelo esforço de seus próprios membros permite que profissionais de outras vertentes que não sejam a escrita, procurem o Sodalício para expressar suas aptidões voltadas, também, para a cultura como um todo. Neste seguimento, observa-se a preocupação entre os pares, onde sobressai o cuidado de reconhecer méritos dentre os imortais. Desta feita a honraria coroou a expressividade de um Acadêmico de vasto cabedal, Clovis Domingues, pela fidelidade e

desprendimento com que abraça as causas literárias e a luta desenvolvida em prol do Sodalício. A lhanza, o cuidado e a consideração se repetem e, novamente os holofotes da cortesia se voltam para o Mestre Bismael B. Moraes que, gozando de plena saúde, completou neste mês o seu octogésimo aniversário, em grande forma e produzindo, como sempre, à mancheia. Como instituição reconhecida pela municipalidade como de utilidade pública, daí a oficialidade do Sodalício, embora apolítica deve tratar, vez por outra, da parte administrativa referente aos eventos literários promovidos pela Prefeitura do Município. Estas explicações esclarecem o objetivo do encontro que decidiu sobre as próximas falas.

Em 29/3/16 – Ary Baddini ordenou o início dos trabalhos e, excepcionalmente, concedeu a palavra ao acadêmico Augusto Pinheiro para que apresentasse a sua convidada, sr^a. Wania Karolis, permitindo-lhe o uso da tribuna para esposar o seu trabalho. Após contar uma história com bela interpretação recebeu os aplausos de todos.

- Em seguida, o presidente Ary Baddini determinou que a secretária geral efetivasse a leitura da ata que, referendada, foi assinada por todos.

- O confrade Mauro manifestou-se acerca da láurea concedida ao acadêmico Clovis Domingues em reunião que não pôde comparecer, por motivo de doença, sugerindo agora que o mesmo escolhesse o evento para a consagração da comenda. Clóvis agradeceu a lembrança do seu nome como homenageado, dizendo-se honrado pelo feito, sugerindo que a distinção ocorra, preferivelmente, na solenidade de encer-

ramento e lançamento da Revista anual, no mês de dezembro, recebendo anuência dos pares.

- O tesoureiro Claudemir sugeriu que para enfrentar despesas forçadas, seja instituída uma mensalidade para os acadêmicos que tiverem condição de suportá-la.

- O confrade Mauro anunciou que o mestre Bismael se manifestaria sobre o evento de seu octogésimo aniversário completado no dia 20 de março, cedendo-lhe a palavra.

- O aniversariante, Bismael, foi ovacionado pelos pares e, sob forte emoção, declarou que apesar dos anos vividos, encontra-se em perfeitas condições de saúde, ativo e participativo, principalmente, nas obrigações literárias, deixando registrado que tem o hábito de escrever todos os dias. Brindou aos presentes com a sonoridade de algumas músicas de sua autoria que gravou ao longo da vida, dando destaque para uma intitulada: “O Menino do Timbó”.

- O presidente Ary informou que compareceu em uma reunião na Secretaria da Educação, convidado que foi pela senhora Sandra e senhora Rosângela, responsáveis pelo evento Salão do Livro. O secretário Municipal de Educação, senhor Moacyr, mandou convidar a AGL para participar do evento literário.

Dentre os eventos anunciados na grade dos grandes acontecimentos publicados a cada ano pela municipalidade, alguns contam com a participação direta e envolvente da Academia Guarulhense de Letras. Desta feita, Guarulhos se prepara para patrocinar o V Salão do Livro, grandioso evento respaldado por reconhecidos vultos da literatura brasileira que emprestam os seus vastos conhecimentos aos mais de duzentos mil amantes das letras que visitam a feira.

A Secretaria de Educação convocou o Sodalício para colaborar na apresentação do grande acontecimento, destacando que foi reservado aos Acadêmicos um auditório com infraestrutura total e, sob a coordenação da AGL. O referido espaço recebeu o nome do Confrade: Dr. Adolfo Vasconcelos Noronha (*in memorian*), tendo a sua identificação gravada no frontispício e o rosto desenhado numa das paredes internas, encimando o nome e o título de que ostentou em vida. No agradável recinto, vários Acadêmicos apresentaram os seus trabalhos para o público que muito nos honrou com suas atenções. Novamente, nota-se entre os pares a solidariedade e o respeito pelos iguais, principalmente, pelos desafortunados que desapareceram tão precocemente pela via natural. Ante a obrigatoriedade de suportar a dor pela perda do companheiro de lides acadêmicas, lembram dos desaparecidos com respeito e consideração, exaltando os seus feitos em vida, as suas qualidades, os seus valores e a relutante vontade de ver prosperar o saber, a cultura e o interesse pela educação em nosso Município. Os Confrades Bismael e Lineu homenagearam o saudoso escritor Eugênio Shinge Asano, exímio colaborador no sucesso das letras e pelo emprego escorreito do dialeto português. Entre vivos, sobressai, com clarividência, o reconhecimento e a gratidão daqueles que têm o privilégio de receber a presença dos nobres Acadêmicos que expõem os seus magníficos trabalhos para aqueles que se propuseram respirar um pouco de cultura e entretenimento. Observem as notas seguintes.

Em 26/4/16 - O presidente Ary Baddini abriu os trabalhos cumprimentando os pares e determinando a leitura da

ata pela secretária Teresinha, documento referendado e firmado por todos.

- O Secretário Mauro manifestou-se sobre o evento “Salão do Livro”, esclarecendo que, juntamente com a Secretária Geral, Confreira Teresinha, compareceu em reunião na Secretaria da Educação para tratar de assuntos correlatos ao tão esperado acontecimento literário. Ali, além de conhecerem a processualística e as diretrizes que balizarão o evento, registraram a participação efetiva de cada acadêmico, bem como, dos escritores Guarulhense que se inscreveram, através da AGL, para demonstrarem a arte de divulgar e incentivar a cultura no nosso Município.

- O mestre Bismael assumiu a tribuna tecendo homenagem ao escritor Eugenio Shinji Asano, membro do nosso Sodalício. Com palavras carinhosas, elogiou o confrade falecido no dia 4 de abril de 2016, destacando o seu alto grau de conhecimento literário, a sua trajetória pelos livros escritos com mestria, além, do esforço e dedicação demonstrados durante a sua jornada acadêmica.

- O confrade Lineu, da tribuna homenageou o escritor falecido, Eugenio Shinji Asano. Discorreu sobre a pessoa do Acadêmico que partiu, ressaltando a sua trajetória literária alicerçada em gêneros diversos tais como: contos, crônicas, poesias, etc. Saudou, também, a sua família na pessoa da esposa Joana e do filho Cassiano que, certamente, honrarão o seu legado. Lineu exaltou o empenho de Eugenio na edição artesanal de livros, trabalho que ofertava aos escritores amigos e que, pela forma simples e ordeira, atendia a preços módicos aos anseios daqueles que queriam ver os seus livros publicados.

- O confrade Jerônimo exibiu para os pares ofício elogioso de reconhecimento e gratidão assinado pela diretoria do CEU Jardim Cumbica EPG Hamilton Felix de Souza, consoante à apresentação de sarau no dia 8 de abril de 2016, que ministrou, juntamente, com o confrade Natalino naquela instituição de Ensino.

Quando a sementeira é farta, as sementes profícuas e o esmero no tratamento eficaz, certamente, a colheita se reproduzirá com abundância. Este exemplo se replica no comportamento da nossa Confraria no V Salão do Livro. A interação entre os Confrades e os funcionários da Secretaria de Educação desenvolveu-se sem reparos. O apoio ofertado manteve em alto nível as condições para que os palestrantes cumprissem o seu mister com excelência. Em contrapartida, os escritores expuseram trabalhos de real grandeza, atingindo um público seleto que privilegiou as apresentações, condignamente. Outro aspecto trazido à baila pelo festejado Confrade Clovis Domingues, alerta para um problema que milita contra o bom andamento da Instituição, as ausências contumazes nas reuniões ordinárias, tribuna onde se decide os caminhos da Agremiação, via de regra, decididos por poucos, ante a inoperância de muitos que, independente da causa, nem imaginam os percalços existentes intramuros. Nesta seção, denota-se o brilhantismo de um trabalho bem executado. Acadêmicos preparados desenvolvem mecanismos para atrair a atenção do público que comparece nas apresentações, ora oferece livro de presente, ora instiga a platéia a pensar e cobrando respostas, ora incentiva os ouvintes a gostar da leitura e, assim, vão disseminando a cultura num trabalho de formiguinha que merece elogios e agradecimento

pelo esforço e dedicação. Este movimento promove o saber e dá visibilidade ao Sodalício. Vejamos as notas seguintes.

Em 31/5/16 – O presidente Ary Baddini inicia os trabalhos cumprimentando os pares e determinando a leitura da ata pela secretária Teresinha que, com propriedade desenvolveu seu mister, documento referendado e firmado por todos.

- O acadêmico Mauro teceu comentários sobre a participação do Sodalício no Salão do Livro – 2016, lembrando aos pares o tratamento dispensado pela nobre Comissão que capitaneou o evento, sob a presidência da Senhora Sandra Soria. O respeito e a consideração dos funcionários da Secretaria da Educação causaram lisonjas à secretaria da AGL durante as tratativas para o bom ordenamento e desempenho da festa literária.

- O presidente do Conselho Fiscal, Clovis Domingues, discorreu sobre o assunto “ausências contumazes”, pedindo a todos muita atenção na alteração dos Estatutos para que não sejam oficializados retrocessos, já descartados, com reconhecimento de todos, ou da grande maioria. Registrou a sua discordância em estabelecer um título novo para os ausentes, indiscriminadamente. Afirmou que não é contra o título, mas sim, o fato de concedê-lo, como prêmio, a acadêmicos que não têm a mesma consideração para com o Sodalício. Clovis asseverou que em casos fortuitos a solução é fazer valer a força da lei que rege a Instituição, sem esquecer do direito legal da ampla defesa.

- O Acadêmico Jerônimo assumiu a tribuna para noticiar reflexos oriundos das apresentações dos saraus da AGL. Disse que para cumprir o objetivo do evento, incentivar a leitura

e a escrita entre os participantes, juntamente com o confrade Natalino, desenvolvem trabalho que, efetivamente, prende a atenção dos partícipes e a cada resposta às provocações, distribui livros e destaca com veemência o nome da AGL.

A Academia, sendo uma instituição de utilidade pública deveria, em tese, merecer do poder Executivo o reconhecimento pelo que representa como célula mater a encimar a cultura e o saber em nosso Município. Deveria contar, minimamente, com infraestrutura suficiente para dar conta do muito que se obriga realizar em prol da comunidade tão carente de educação e desestimulada no que tange galgar o mundo da literatura. Em tempos pretéritos, os membros fundadores do nosso Sodalício, muito lutaram para materializar reivindicações múltiplas no sentido de aparelhar a AGL com o mínimo necessário para representar e defender a literatura local, porém, somente conseguiram, a duras penas, um lugar para chamar de seu: sede localizada em prédio público, junto ao Lago dos Patos, em Vila Galvão. Destarte, todo o aparato necessário para o desempenho ordeiro da entidade, reconhecidamente, de real valor, bem como a sua administração, provém do esforço e dedicação de seus membros que se reúnem mensalmente em reunião ordinária. Destaca-se, portanto, a necessidade da colaboração de seus pares nas decisões acadêmicas, o que se consegue, somente, com a presença maciça nos encontros mensais, preocupação demonstrada na fala do Presidente Ary Baddini na abertura dos trabalhos. Nota-se, também, a preocupação do Colégio na preparação dos atos para a instalação de mais uma Feira do Livro do Escritor Guarulhense, evento capitaneado pela Confraria e de grande visibilidade em nossa cidade. Outra preocupação

em evidência surge da fala do Confrade André Figueiredo Rodrigues, responsável pela organização do lançamento da Revista anual da Academia. O Mestre Bismael demonstra outra faceta de suas inúmeras propriedades culturais. Revela o seu poder em diversificar, anunciando ter musicado uma poesia autoral em homenagem ao emérito compositor Chico Buarque. Notícia boa é sempre de bom alvitre, criação do site do Sodalício permitindo a inclusão no mundo globalizado que, doravante, permitirá o relacionamento virtual e a difusão da cultura com maior expressividade. Notícia ruim veiculada com grande preocupação, pois, padece de mal passageiro (queira Deus) um dos dois fundadores vivos da AGL, Castelo Hanssen. Num leito de dor em nosocômio da cidade, uma das colunas mestras da nossa Confraria, luta para debelar agruras que a vida nos propícia e que, com a nossa solidariedade e desejos de boa-venturança, em breve estará dentre nós. Assim explicitam as próximas notas.

Em 28/6/16 - O presidente Ary Baddini iniciou os trabalhos com uma manifestação preocupante e de difícil solução: “ausência de acadêmico efetivo, suas seqüelas e as providências a serem tomadas pelo Colegiado, inclusive, sobre o título Remido cogitado em passado recente, para cognominar aqueles que se afastaram por mais de seis meses”. Solicitou que os confrades que formam a mesa apresentem sugestões para dirimir e, solucionar de vez, pendências para o bom andamento na condução do Sodalício.

- O confrade Bosco esclareceu que ainda não foi determinado o local para a instalação da IV FLEG, mas, a exemplo

do confrade Clovis, está tratando do assunto com a senhora Maria do Rosário e, em breve anunciará o espaço cedido.

- O confrade André manifestou-se acerca da Revista da Academia 2016, debatendo o prazo para o recebimento dos trabalhos com os pares, ficando determinado que esta fase se encerrará no dia 26 de julho, data da próxima reunião, comprometendo-se a enviar as regras para os participantes.

- O mestre Bismael presenteou os pares com uma cópia da poesia autoral intitulada “O Último Samba”, escrita no ano de 1973 quando cursava o 3º ano de direito na Faculdade do Largo de São Francisco. Este trabalho foi publicado no livro Pensação lançado por Bismael no ano de 1978, depois de musicado, em homenagem ao escritor Chico Buarque.

- O escritor Jerônimo transmitiu aos presentes a oficialidade do site www.academiaguarulhense.org.br onde, doravante, serão providenciados todos os assentos acadêmicos e que se perpetuarão na história do nosso Sodalício.

- O acadêmico Mauro participou aos pares nota sobre a internação do festejado Castelo. Disse que se encontra hospitalizado e sob proteção médica, necessitando, por hora, de assistência fraterna e espiritual.

Aproxima-se tempo novo. Bienalmente a Confraria se reúne para tratar da renovação de sua diretoria e, para anunciar a processualística estatutária, a Secretaria promove a publicação do protocolo, através de Edital devidamente afixado na sede do Sodalício, em local de fácil acesso permitindo a visibilidade de todos os que ali circulam. O Acadêmico Efetivo, uma vez engajado na lida cultural, da mesma forma que adquire direitos inerentes à primazia de ascender à imortalidade, tem obrigações e deveres para com a Instituição. Jura-

mentado, o escolhido pelos pares se compromete a ser mais um soldado para lutar em prol do saber e do conhecimento. Deve envidar esforços para manter constante a visibilidade da Confraria, divulgando a existência e exaltando os seus feitos para conhecimento dos munícipes que devotam o amor pelas letras. Observa-se neste encontro a decisão adotada por um membro de real valor que, diante da obrigatoriedade de cuidar de sua empresa com dedicação e disponibilidade totais, pugnou pela desistência no cargo efetivo, pois, ausente nas reuniões há algum tempo, deixou de participar das decisões que comandam o destino da AGL. Pesaroso, abdicou do cargo para poder liberar a cadeira que ocupou por muito tempo, deixando-a livre para que seja ocupada por outro escritor que possa se dedicar plenamente as causas acadêmicas. O jornalista Valdir Carleto, como sempre, cômico de suas responsabilidades, deixou a trincheira acadêmica para semear, doravante, a sabedoria e a cultura por onde quer que circule e para manter acesa a chama da literatura que tanto luta para conservar, recebeu o título de Acadêmico Honorário permitindo que possamos chamá-lo, para sempre de Confrade. O reconhecimento pelos vultos que se destacam diante de uma vida toda dedicada à profissão de respeito, é prática constante dentre os Acadêmicos. Desta vez a perspicácia ficou por conta do Confrade Clovis Domingues, guarulhense de quatro costados, escritor emérito afeito as causas sócio/espirituais, quando destacou figura de reconhecido mérito no jornalismo e que desde priscas eras se notabilizou como radialista em nosso Município. Recordando dos cinquenta anos de fraterna amizade, sugeriu à outorga da Medalha de Mérito Cultural João Ranali ao senhor Oswaldo Tassi,

recebendo da mesa o aval por unanimidade. A comprovação destas assertivas se vislumbra nas próximas notas.

Em 26/7/16 – Às 14h e 45min., sob a égide do presidente Ary Baddini foram iniciados os trabalhos com a leitura da ata pela secretária geral Teresinha, sendo o documento referendado e assinado pelos presentes.

- A secretária Teresinha, em obediência aos Estatutos, fixou no interior da sede do Sodalício, para conhecimento geral o edital de convocação concernente à assembleia eletiva que ocorrerá no mês de agosto, consagrando por escrutínio os novos membros diretores para o biênio 2016/2018.

- O presidente anunciou aos pares o recebimento de um comunicado do confrade Valdir Carleto solicitando o seu desligamento desta Confraria. Determinou que o secretário Mauro lesse o teor do ofício, o que foi feito de imediato para conhecimento geral, o missivista resolveu deixar livre a cadeira que ocupa, pugnando pela escolha de outro escritor para ocupar o seu assento.

- O confrade Mauro, dirigiu-se ao presidente sugerindo a outorga do título de acadêmico honorário ao nobre jornalista. A sugestão foi submetida à apreciação da mesa e, a concordância no referendo foi unânime. Assim manteremos o tratamento de confrade com tão ilustre parceiro, *ad aeternum*, para regozijo da Confraria.

- O confrade Clovis, diante dos eloquentes debates sobre a responsabilidade acadêmica, pugnou por estudo mais apurado sobre a admissão e a demissão de membros do quadro efetivo, dando o tempo necessário para tão relevantes deci-

sões, respeitando todas as opiniões, sempre em obediência aos Estatutos da Confraria.

- Clovis anunciou aos pares que, após intensas conversações com a senhora Maria do Rosário, conseguiu a cessão do espaço cognominado Centro Permanente de Exposições e Artes Professor José Ismael para a instalação da IV FLEG, a ser realizada no período de 21 a 24 de setembro, das 16h e 30min. às 21h e 30min.

- Clovis depois de dizer ser testemunha, em mais de cinquenta anos, de atitudes culturais e éticas de um amigo de todos, sugeriu a outorga da Medalha de Mérito Cultural ao senhor Oswaldo Tassi, jornalista e radialista enraizado há mais de cinco décadas em nossa cidade de Guarulhos, sendo a comenda aprovada por unanimidade e a consagração do ato a ser realizada nos festejos de encerramento dos trabalhos, no final do ano.

- O confrade Lineu assumiu a tribuna para apresentar um trabalho intitulado “Acadêmicos para o resto da vida”, cujo mote versou sobre a concessão do título de membro efetivo da Academia Brasileira de Letras para o pai da aviação, Santos Dumont.

- O acadêmico Augusto, da tribuna, anunciou oficialmente a sua candidatura ao posto máximo da nossa Confraria.

Compilação do núcleo extraído das reuniões ordinárias e extraordinárias implementadas entre os meses de agosto de 2015 e julho de 2016. Com este trabalho ajusta-se para conhecimento geral, a história da AGL, em cujos anais se assentam todas as decisões necessárias para a continuidade da sua majestosa trajetória.



Ficha técnica

Formato	14 x 21 cm
Mancha	10,4 x 16,9 cm
Tipologia	Minion Pro, Agency FB e Geometri231
Papel	miolo: Pólen soft 70 g/m ² capa: Supremo 250 g/m ²
Impressão e acabamento	Gráfica das Edições Loyola
Número de páginas	174
Tiragem	1000 exemplares